

Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade

**Francisco de Oliveira, Maria de Fátima
Silva, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa
(coord.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

MAL E VIOLÊNCIA NAS *GEÓRGICAS* DE VIRGÍLIO (Evil and violence in Virgil's *Georgics*)

MATHEUS TREVIZAM¹
Faculdade de Letras da UFMG

RESUMO: Neste artigo, gostaríamos de destacar aspectos dos temas da violência e do mal, tal como apresentados ao longo dos quatro livros das *Geórgicas* de Virgílio. Diferentemente do que se poderia em geral pensar, o autor questionou a idealização da vida dos camponeses e alguns valores tradicionais de Roma (*fortitudo, labor, militia...*), fazendo-nos ver no poema pontos de tensão entre os bons e os maus julgamentos das realidades rústicas descritas.

PALAVRAS-CHAVE: Virgílio; *Geórgicas*; vida rústica; mal; violência.

ABSTRACT: In this article, we would like to point out aspects of the themes of violence and evil, such as presented throughout the four books of Virgil's *Georgics*. In contrast to what we could generally think, the author has questioned the idealization of peasant's life and of some traditional Roman values (*fortitudo, labor, militia...*), making us see, in this poem, points of tension between good and bad evaluations of the rustic realities described.

KEYWORDS: Virgil; *Georgics*; rustic life; evil; violence.

Convidados a escrever, para esta coletânea, sobre “crimes” na *Literatura latina*, área geral de investigação a que nos temos dedicado desde o início de nossa carreira acadêmica,² cogitamos se isso não seria possível tomando como *corpus* analítico as *Geórgicas* virgilianas. Apesar do estranhamento da escolha para o público menos habituado às complexidades e às tantas variações temáticas deste poema didático de Virgílio, semelhante tentativa não nos pareceu despropositada, já a partir de uma primeira releitura da obra com vistas à busca

¹ Matheus Trevizam é bacharel e licenciado em Letras pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Campinas/ SP – Brasil), mestre e doutor em Linguística (Latim) pela mesma Instituição, além de professor adjunto de Língua e Literatura latina da FALE-UFMG (Belo Horizonte/ MG – Brasil) desde 2006. Publicou uma série de artigos em sua área de especialidade, a Literatura agrária e didática da República romana e do Principado Augustano, em revistas nacionais e internacionais, além das traduções anotadas do *De re rustica* de Varrão de Reate (Campinas: Editora da Unicamp, 2012) e do livro I das *Geórgicas* de Virgílio (Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013). Entre 2011 e 2012, estagiou em pós-doutorado por onze meses na Universidade de Paris IV (Sorbonne), sob a supervisão científica do prof. Dr. Carlos Lévy e com bolsa integral da CAPES (Governo Federal do Brasil). Atualmente, participa da elaboração da edição anotada da tradução das *Geórgicas* feita pelo maranhense Manuel Odorico Mendes (1799-1864), “patriarca” dos tradutores literários brasileiros, no âmbito das pesquisas do “Grupo de trabalho Odorico Mendes”, liderado no IEL-UNICAMP pelo prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos.

² Agradecemos à professora Dra. Tereza Virgínia Barbosa – FALE-UFMG –, pelo convite que motivou a escrita deste ensaio e pela consequente oportunidade.

de eventuais trechos de interesse, bem como das saídas interpretativas por eles sugeridas.

Com efeito, seria difícil ignorar que a passagem de um a outro dos três poemas de Virgílio, diferenças condicionadas pelos distintos gêneros da escrita e pelos consequentes imaginários à parte, não implica necessariamente em rupturas de ideias ou na plena substituição de elementos constitutivos. Assim é que a incorporação de aspectos em óbvio ponto de contato com a contemporaneidade histórica da escrita de sua obra adentra cada um dos textos virgilianos, desde a problemática concernente às desapropriações e novas alocações de terras³ à qual assistimos nas *Bucólicas*, passando pelo assunto das guerras intestinas de Roma – tema esporádico das *Geórgicas* –,⁴ até, é evidente, o discutido “augustanismo” da *Eneida*.⁵

Dessa maneira, para o recorte temático que aqui nos diz respeito, também não há que se propor com acuidade algo como um mundo litigioso e sangrento da *Eneida* versus as inflexões “calmamente” pastoris da obra inaugural do poeta e, sobretudo, um suposto universo pacífico das *Geórgicas*. Na verdade, a grande capacidade receptiva do último dos textos aqui referidos acaba por favorecer inclusive a incorporação de elementos afins à violência e ao mal, quando não ao crime, nas interfaces da interação humana com os pares, com a natureza ou mesmo com o divino; disso resulta, então, divisarmos nas *Geórgicas* como que uma prefiguração, em menor escala, dos embates humanos no mundo, os quais, devido às convenções do gênero épico, colocam-se com força decisiva no âmago compositivo da *Eneida*.

Será nossa tarefa, ao longo dessas reflexões, destacar e comentar específicas passagens de cada um dos livros da obra cujo sentido nos pareça justificar essa proposição. Com isso, espera-se, lograremos apresentar do “poema da terra” de Virgílio uma imagem alheia à do meio rústico como efetiva fuga aos males da existência, segundo uma lógica simplificadora pela qual, sem questionamentos possíveis, mais propensos à prática de violências são sempre ávidos guerreiros... ou litigiosos cidadãos.⁶

O CARÁTER “FÉRREO” DA ATUAL EXISTÊNCIA HUMANA, O CAMPONÊS E OS MALES DAS GUERRAS INTESTINAS DE ROMA

O livro I das *Geórgicas* virgilianas descortina ao leitor o espetáculo da luta humana pela sobrevivência diária, fruto do trabalho de nossas mãos, segundo

³ Cf. Veyne 2001: 216-246.

⁴ Cf. Wilkinson 1997: 159-162.

⁵ Cf. D'Elia 1990: 30 et seq.

⁶ Tal imagem de forte oposição entre a superior moralidade do campo e os males urbanos encontra-se manifesta na letra das *Geórgicas* mesmas, no excursus das *Laudes ruris* do livro II (490-540). Contudo, não se trata de algo continuamente sustentável na “polifônica” variação ideológica desta obra virgiliana, como intentaremos demonstrar.

descrito pelo poeta: é essa a parcela da obra em que se concentram preceitos didáticos em nexos com o plantio dos campos cerealistas, donde nos vem o pão, símbolo por excelência da vida material civilizada. Nesse contexto, como muitas e, por vezes, penosas são descritas as várias operações de cultivo necessárias, a exemplo da primeira arada do solo (v. 43-46), da escolha das sementes (197-200), da feitura de uma eira para debulha das espigas (v. 176-186), da adubação (80)...

Ora, claro está que, para a contínua realização de tantas, e tão difíceis tarefas, o protagonista da lida agrária, como o caracteriza Virgílio nas *Geórgicas*, não pode identificar-se com um *fraco*, no sentido de alguém incapaz ou pouco disposto ao enfrentamento das contínuas dores de sua lida. Pelo contrário, manter o espírito e o corpo sempre alertas às necessidades do meio camponês, resistir às pressões nos tempos de maior intensificação dos trabalhos e concentrar-se com afinco em tarefas de todo exigentes de esforços demanda e testa a força do *agricola*.

Por sinal, uma conhecida associação da cultura romana antiga, a qual divisava nas tarefas do agricultor e do soldado não atividades opostas, mas *complementares*, dá a medida dos esforços em geral julgados indispensáveis para o sucesso no plano de atuação rústico. O prefácio do *De agri cultura* catoniano, assim, demonstra a compreensão do autor de que foi extremamente elogioso, no passado, ser considerado “um bom agricultor e um bom fazendeiro”, além de que, do meio camponês, originam-se *os melhores combatentes*:

Mas, um homem bom quando elogiavam, elogiavam assim: “Um bom agricultor e um bom fazendeiro”. Julgava-se que quem era elogiado assim era enormemente elogiado. Considero o comerciante diligente e empenhado na busca da riqueza. Em verdade, porém, como eu disse acima, há risco e perigo nos negócios. Mas, dentre os que se dedicam à agricultura, saem homens do maior vigor e soldados da maior coragem; daí se obtém o ganho mais justo, seguro e o menos invejado, e minimamente insidiosos são os que se ocupam deste labor.⁷

Nos tempos de Virgílio, é importante notar, a figura do romano como soldado-agricultor, recorrente não só no imaginário, mas na vida social efetiva de épocas mais recuadas⁸ – dada, por muito tempo, a própria inexistência de

⁷ Cf. *praelocutio* de Catão ao *De agri cultura*, aqui em minha tradução (Catão 2006: 2: *Et uirum bonum quom laudabant, ita laudabant: bonum agricolam bonumque colonum. Amplissime laudari existimabatur qui ita laudabatur. Mercatorem autem strenuum studiosumque rei quaerendae existimo, uerum, ut supra dixi, periculosum et calamitosum. At ex agricolis et uiri fortissimi et milites strenuissimi gignuntur, maximeque pius quaestus stabilissimusque consequitur minimeque inuidiosus, minimeque male cogitantes sunt qui in eo studio occupati sunt.*)

⁸ Em *Cato Maior* 55, Cícero evoca o exemplo de Mânio Cúrio Dentato, general triunfador dos sabinos e dos samnitas – 290 a.C. – e do rei Pirro – 275 a.C. –, o qual viveu como modesto camponês quando não mais ocupado de tantos encargos militares.

um exército profissional em Roma e a concentração da economia em uma agricultura de bases familiares e localmente destinada ao consumo –, já há muito deixara de corresponder à realidade. Por sinal, a delegação das tarefas agrárias a um trabalhador especializado, o *uillicus*, de acordo com as exigências de modelos produtivos mais sofisticados e em maior escala, já se delineava desde os tempos de Catão, como testemunha o próprio *De agri cultura*.⁹

Contudo, parece-nos inegável que a consciência virgiliana de semelhante vínculo associativo entre guerra e agricultura no ideário pátrio se manifesta, nas linhas das *Geórgicas*, desde seu primeiro livro. Um característico indício desse efeito de sentidos corresponde ao emprego comum da palavra *arma* (“armas”, 160) para designar os próprios instrumentos agrários de cotidiano uso pelos camponeses e os aparatos bélicos:

Dicendum et quae sint duris agrestibus arma, 160
quis sine nec potuere seri nec surgere messes:
uomis et inflexi primum graue robur aratri
tardaue Eleusinae matris uoluentia plaustra
tribulaque traheaeque et iniquo pondere rastris,¹⁰

Hinc mouet Euphrates, illinc Germania bellum;
uicinae ruptis inter se legibus urbes 510
arma ferunt; saeuit toto Mars impius orbe:
ut, cum carceribus sese effudere quadrigae,
addunt in spatia et frustra retinacula tendens
fertur equis auriga neque audit currus habenas.¹¹

Comentadores como Richard Thomas e R. A. B. Mynors, assim, destacam o caráter algo inusitado da expressão de v. 160 na língua latina: para o primeiro, que registra o aspecto “inaugural” desse emprego, ou seja, o fato de se documentar aqui o uso de *arma* por *instrumenta* pela primeira vez na literatura de Roma, não passam ainda despercebidas as implicações, metaforicamente, “guerreiras” da passagem, como se os esforços de trabalho do *agricola* também fossem, à sua maneira, *lutas*.¹² Mynors, por sua vez, destaca

⁹ Cf. Andreau 2010: 59-60.

¹⁰ *Geórgicas* I, 160-164: “Também se deve dizer quais são as armas dos duros rústicos,/ sem o que nem puderam as searas ser plantadas nem surgir:/ primeiro a relha e o pesado lenho do arado curvo,/ os lentos carros rolantes da mãe Eleusina,/ os trilhos, grades e rastelos de peso enorme” (tradução minha).

¹¹ *Geórgicas* I, 509-514: “Daqui o Eufrates, dali a Germânia faz a guerra;/ rompidas as leis, cidades vizinhas portam armas/ entre si; Marte ímpio se enfurece no mundo todo,/ como quando as quadrigas se espalharam no circo,/ ganham impulso, e, em vão segurando as rédeas,/ é arrastado o cocheiro pelos cavalos, nem obedece o carro aos freios” (tradução minha):

¹² Cf. Thomas 1994a: 95-96.

o “decalque” desses dizeres sobre o grego ὄπλα, também com os sentidos de “ferramenta” e “aparelhagem” (*ingl.* “tool” e “tackle”, respectivamente) de Homero em diante, e cita a retomada da expressão na *Eneida* (I, 177: *Cerealiaque arma* – “armas de Ceres”); em seguida, também menciona que tais *duri agrestes* “estavam empenhados em lutas não menos árduas e honrosas que guerreiros”, e por fim acrescenta uma citação similar dos *Astronomica* de Manílio, a qual atesta a sobrevivência da mesma imagética em tempos subsequentes aos de Virgílio (II, 20: *militiamque soli* – “milícia da terra”).¹³

Por outro lado, a presença das palavras “duros rústicos” – *duris agrestibus*, v. 160 – em um dos excertos que acima selecionamos começa a revelar-nos uma importante característica do camponês segundo concebido por Virgílio. Cremos que tal “dureza”, decerto interpretável como resistência, mas também, no árduo embate dos trabalhadores com outros elementos da vida rústica, como uma tenacidade que não cede o passo mesmo diante dos mais fracos¹⁴ ou, eventualmente, dos limiares do sacrílego, finca suas raízes, pela lógica interna ao poema, no caráter “férreo” do homem sob o reinado de Júpiter, nos tempos coevos.

A famosa passagem da “Teodiceia do trabalho” do livro I (121-154), com efeito, trata do tema da introdução de *labor* no mundo como resultado, após o fim dos reinos de Saturno – os quais se identificam, miticamente, com uma espécie de Idade áurea de espontânea fartura de todos os bens naturais para a raça humana –, da “providencial” intolerância de seu filho à estéril letargia de nossa estirpe (v. 124: *nec torpere graui passus sua regna ueterno*).¹⁵ Desse modo, a introdução, sob os auspícios de Júpiter, de uma série de dificuldades no meio agrícola¹⁶ levou, de forma compensatória, à engenhosa criação de todas as artes pelos de nossa espécie, a exemplo da agricultura (v. 134), do fazer do fogo a partir de rochas (135), da navegação (136), da astronomia (137-138), das caçadas (139-140), da pesca (141-142) e da metalurgia (143); sobre a última dessas invenções humanas, por sinal, não consideramos sem interesse dizer que o poeta refere, contextualmente, o “rigor do ferro” – *ferris rigor*, 143 –, além, em contraste, da “madeira macia”¹⁷ – *fissile lignum*, 144 –, a qual, nos tempos de Saturno, não necessitava de muito esforço ou de sofisticadas ferramentas para seu corte, mas podia ser rachada apenas “com cunhas” (*cuneis*, 144).

¹³ Cf. Mynors 2003: 33.

¹⁴ Cf. Gale 2000: 34. Como comentaremos na parcela do texto destinada ao tratamento do livro II das *Geórgicas*, a passagem da fria derrubada de uma bela árvore (207-211) para abrir alas ao “progresso” típica com clareza o posicionamento a que aqui nos referimos.

¹⁵ *Geórgicas* I, 124: “Nem tolerou que seus reinos se entorpecessem em pesada letargia” (tradução minha).

¹⁶ Como os venenos das serpentes (v. 129) e as rapinas dos lobos (v. 130).

¹⁷ Não *dura* como o *agricola* atual ou suas condições de vida, portanto.

Ora, com o ferro, além de “inofensivas” serras (143) e ancinhos, podemos afirmar, também se fundem espadas¹⁸ ou outras armas cortantes para cruel emprego nos campos de batalha, o que significa que, como todos os saberes humanos, a metalurgia não é desprovida de potenciais destrutivos, conforme os usos a ela destinados. Além disso, a suposta “melhora” humana pelo viés da engenhosidade necessária para o enfrentamento aos novos desafios não basta para encobrir todos os paralelos entre tais eventos do texto virgiliano e o mito das Idades em Hesíodo (*Os trabalhos e os dias*, v. 42-105),¹⁹ em que, como sabemos, a passagem da pródiga Idade áurea para os Tempos de ferro, *também marcados, no poeta grego, pela ênfase na dura labuta quotidiana*, identificou-se com a gradativa piora moral dos indivíduos.²⁰

Em uma cultura, então, pautada por ideais de proximidade entre o soldado e o camponês, não nos parece abusivo propor que algum eventual uso da força bruta²¹ pelo *durus agrestis* das *Geórgicas* não é, no mínimo, alheio a “parentescos” com o mesmo impulso humano que leva, num extremo, à sanha destrutiva da guerra. Sobre a guerra, ou os crimes em si, notamos que se fazem presentes nos versos de *Geórgicas* I através da menção ao assassinato de Caio Júlio César nos Idos de março de 44 a.C. e a certos conflitos históricos contemporâneos ao poeta:

*Denique, quid Vesper serus uehat, unde serenas
uentus agat nubes, quid cogitet umidus Auster,
sol tibi signa dabit. Solem quis dicere falsum
audeat? Ille etiam caecos instare tumultus
saepe monet fraudemque et operta tumescere bella.
Ille etiam extincto miseratus Caesare Romam,*

465

¹⁸ *Geórgicas* I, 508: *Et curuae rigidum falces conflantur in ense*. – “E foices curvas são fundidas em rija espada” (tradução e grifos nossos).

¹⁹ Cf. comentário de Thomas sobre os elementos “tradicionais” das descrições do melhor – Idade áurea/ reinos de Saturno – e do menos fácil – Idade férrea/ reinos de Júpiter – dos tempos para os seres humanos no mundo (Virgil 1994a: 87). Gale 2000: 63-64 destaca que certos dizeres da passagem da “Teodiceia do trabalho” não são desprovidos de prováveis conotações de negatividade: Virgil similarly emphasizes the gradual nature of these developments (in highly Lucretian language) and perhaps suggests a degree of ambivalence about some of the discoveries: *fallere* (“to trick”) in 139 has moralizing overtones, and *ferri rigor* (“the rigidity of iron”, 143) may hint at the rigours of the Iron Age.

²⁰ Não se deve entender que, aqui, propomos a definição do *agricola* das *Geórgicas* como, sempre, uma figura de péssimos contornos: por sinal, sequer em Hesíodo isso corresponderia a uma realidade, pois, apesar de ser o homem coevo ao poeta menos bom e virtuoso que o de tempos passados, ainda lhe cabe algum “resgate” moral pela obediência aos deuses e pela via do trabalho (cf. Toohey 1996: 28-29). No tocante à obra de Virgílio aqui analisada, trata-se, antes, de modalizar e problematizar as visões sobre a vida rústica e o camponês nos termos do meramente positivo, avisamos desde o início.

²¹ Veja-se acima nota 14.

*cum caput obscura nitidum ferrugine texit
 impiaque aeternam timuerunt saecula noctem.
 Tempore quamquam illo tellus quoque et aequora ponti
 obscenaque canes importunaque uolucres* 470
*signa dabant. Quotiens Cyclopum efferuere in agros
 uidimus undantem ruptis fornacibus Aetnam
 flammaramque globos liquefactaque uoluere saxa!
 Armorum sonitum toto Germania caelo
 audiit, insolitis tremuerunt motibus Alpes.* 475
*Vox quoque per lucos uolgo exaudita silentis
 ingens, et simulacra modis pallentia miris
 uisa sub obscurum noctis, pecudesque locutae
 (infandum!); sistunt amnes terraeque dehiscunt
 et maestum illacrimat templis ebur aeraque sudant.* 480
*Proluit insano contorquens uertice siluas
 fluuiorum rex Eridanus camposque per omnis
 cum stabulis armenta tulit. Nec tempore eodem
 tristibus aut extis fibrae apparere minaces
 aut puteis manare cruor cessauit, et altae* 485
*per noctem resonare lupis ululantibus urbes.
 Non alias caelo ceciderunt plura sereno
 fulgura nec diri toties arsere cometae.
 Ergo inter sese paribus concurrere telis
 Romanas acies iterum uidere Philippi;* 490
*nec fuit indignum superis bis sanguine nostro
 Emathiam et latos Haemi pinguescere campos.*²²

²² *Geórgicas* I, 461-492: “Enfim, o que porta Vésper tardio, donde o vento/ traz as nuvens serenas, o que prepara o úmido Austro,/ a ti o sol indicará. Quem ousaria dizer falso/ o sol? Ele, ainda, com frequência avisa de que se aproximam/ conluios secretos, e de que fermentam enganoso e guerras ocultas./ Ele, ainda, na morte de César, apiedou-se de Roma,/ quando cobriu a alva cabeça com escura ferrugem,/ e as ímpias gerações temeram uma noite eterna./ Mas, naquele tempo, também a terra, as planícies do mar,/ as cadelas agourentas e as aves desfavoráveis/ davam sinais. Quantas vezes vimos o Etna agitado,/ rompidas as fornalthas, borbulhar sobre os campos dos Ciclopes/ e rolar globos de fogo e pedras liquefeitas!/ A Germânia ouviu no céu inteiro o ruído/ das armas; com insólitos sismos tremeram os Alpes./ Também foi ouvida cá e lá, nos bosques silenciosos, uma alta/ voz, pálidos espectros foram estranhamente vistos/ junto ao anoitecer e (indizível!) animais/ falaram. Param os rios, as terras se fendem,/ o triste marfim chora nos templos e bronzes suam./ O Eridano, rei dos rios, girando com insano redemoinho,/ arrasta os bosques e, por todos os campos,/ carrega armentos e estábulos. E, na mesma época,/ não cessaram de aparecer fibras ameaçadoras em entranhas funestas,/ ou de manar o sangue dos poços e de ressoarem/ altas cidades, com lobos ululantes, à noite./ Jamais caíram tantos relâmpagos do céu/ sereno, nem tantas vezes se inflamaram terríveis cometas./ Portanto, de novo viu Filipos romanos batalhões/ mutuamente se enfrentarem com dardos iguais;/ nem pareceu indigno aos deuses duas vezes com nosso sangue/ a Emátia e os vastos campos do Hemo engordar” (tradução minha).

O registro (e a crença) em prodígios²³ é um traço característico da cultura romana desde tempos muito recuados²⁴ até fins do período imperial. No conhecido *Liber prodigiorum* de Iulius Obsequens, autor obscuro de meados do século IV d.C.,²⁵ registram-se eventos extraordinários/ *monstra* em específica correlação com o patentear-se da vontade divina aos homens: chuvas de terra e sangue sobre a Campânia e o território de Preneste (LXXI: consulado de M. Marcelo e P. Sulpício), o nascimento de um hermafrodita na cidade de Luna (LXXXI: consulado de L. Metelo e Q. Fábio Máximo) e a emissão de chamas abundantes do monte Etna (LXXXII: consulado de Cn. Cepião e C. Lélio) exemplificam, portanto, alguns “fatos” tomados por esse compilador para testemunhar o “envio de mensagens” dos entes supremos a comunidades, nem sempre, quites em suas obrigações para com o sagrado. No caso supracitado de Luna, observamos, vincula-se no relato de *Iulius o monstrum*²⁶ da criança de sexo ambíguo com os males da peste na própria localidade de seu nascimento e, talvez, com sérios revezes para o exército romano, na Macedônia e contra Viriato.

Isso significa que Virgílio, de acordo com crenças ainda difundidas na sociedade de sua época, optou, em fins de *Geórgicas* I, por retratar o assassinato de Júlio César como evento nefasto do ponto de vista do assentimento dos deuses para sua concretização, pois a violenta “convulsão” da natureza em vários de seus elementos – sol, águas, animais, os fogos do Etna, à semelhança do *Liber prodigiorum*... –, bem como os sinais de mau-agouro da sequência, “atestam” que isso não lhes passara despercebido nem, mais importante, parecera negligenciável. Importa, ainda, para a continuidade desta leitura, atentar para o nexo entre o fim da parte dos prodígios e o início da sucinta menção a uma guerra fratricida que ocorreu posteriormente à morte do ditador: em v. 489, com efeito, inicia-se com o conectivo *ergo* – “portanto” – a lembrança da batalha de Filipos (42 a.C.), na qual Otaviano e Marco Antônio, líderes absolutos do Segundo Triunvirato, derrotaram Bruto e Cássio, cabeças dos conspiradores senatoriais contra César.²⁷ Ora, esse evento de consequências sangrentas internas à própria sociedade de Roma tem aqui sua gravidade reforçada por tratar-se de uma espécie de repetição de Farsália, em suas dimensões geográfica – de ocorrência em uma vaga

²³ Cf. Robert 2004: 62-63.

²⁴ Cf. de Coulanges s.d.: 118-119 (sobre o registro e conservação de prodígios desde os velhos Anais pontificais).

²⁵ Quinte-Curse; Justin; Valère Maxime; Julius Obsequens 1864.

²⁶ Cf. Ernout; Meillet 2001: 413: *Monstrum* – terme du vocabulaire religieux, « prodige qui avertit de las volonté des dieux » ; par suite, « objet ou être de caractère surnaturel », « monstre ».

²⁷ Cf. Giordani 1968: 60.

“Emátia”²⁸ – e intestina, e parece encaixar-se na lógica do poema virgiliano à maneira de uma retribuição divina aos ímpios.²⁹ Embora, neste caso, pelo próprio direcionamento ideológico aparente do texto,³⁰ o peso da impiedade pareça pender mais, em função da derrota histórica que sofreram, para o lado dos oponentes de César, os sofrimentos e perdas inerentes a qualquer situação de combate também acabaram, desta feita, por atingir a facção dos “justos”, o que nos permite conjecturar se tal guerra de fato foi concebida no pensamento religioso de Virgílio como algo imputável apenas à culpa de uma parcela da grande comunidade cívica envolvida.³¹ Ademais, vemo-nos, diante dos dois lados de combatentes, sempre confrontados com romanos (ou itálicos), povo, avisam-nos os próprios versos das *Geórgicas*, igualmente “duro” nos embates dos campos de cultivo ou de batalha.³²

²⁸ Mynors, comentador da edição de Oxford das *Geórgicas*, diz-nos que essa denominação geográfica abrange uma parte da Macedônia onde não estava Filipo (2003: 95). No entanto, o emprego poético de Emátia por toda a Macedônia não seria, em si, incomum na literatura grega e na romana.

²⁹ Cf. Trevizam 2009a: 85. A passagem inicia-se com uma alusão aos eventos das Guerras Cívicas em Roma: o assassinato do ditador Júlio César nos Idos de março de 44 a.C. e a série de signos funestos que se seguiram ao fato apresentado, por Virgílio, como espécie de sacrilégio (cf. *impia saecula*, 468).

³⁰ Ora, como sabemos, as *Geórgicas* se iniciam e terminam com menções a Otaviano Augusto, da primeira vez invocado como deus após a “prece” aos Numes dos campos (I, 24-42) e, por último, em um contraste entre sua atividade guerreira (IV, 559-562) e o sossego compositivo de Virgílio nos anos de escrita desse poema. Também ao término do livro I, a mesma personagem pública é chamada para que socorra Roma, pondo fim aos flagelos das Guerras Cívicas (I, 498-504). Assim, a obra de nosso presente interesse parece mostrar-se “reconciliada” com tais donos do poder, embora eventuais aspectos críticos a componentes do ideário pátrio “encarnado” por Augusto possam favorecer a modalização de um ponto de vista tão cerrado. Veja-se também Trevizam 2009a: 85-86.

³¹ Em um estudo destinado ao esclarecimento dos elos entre o evento fictício da “Peste Nórica”, como relatado em *Geórgicas* III, e a ira divina, Harrison explica que as grandes desgraças que se abatam sobre comunidades inteiras assumiram com frequência, no pensamento antigo, os sentidos de algo mandado pelos deuses para a punição comum de indivíduos pertencentes a um grupo conspirado por uma mácula qualquer [cf. Harrison 1979: 24-25]. Veja-se também, a respeito não do significado comum das consequências da ruptura com o divino, mas dos avisos prodigiosos para uma certa comunidade, Orlin, E. Urban religion in the middle and late republic. In: Rüpke 2007: 60: The Romans considered unusual phenomena – meteor showers, lightning strikes, congenital deformities – as indications that the *pax deorum* (peace with the gods) had been ruptured and that they needed to take action to repair that relationship and restore themselves to the favor of the gods.

³² Na passagem das *Laudes Italiae* de *Geórgicas* II, 136-176, um dos aspectos “elogiados” por Virgílio em sua pátria é justamente o vigor dos guerreiros que produziu: 167-172. *Haec genus acre uirum, Marsos pubemque Sabellam/ assuetumque malo Ligurem Volcosque uerutos/ extulit; haec Decios, Marios magnosque Camillos./ Scipiadus duros bello et te, maxime Caesar,/ qui nunc extremis Asiae iam uictor in oris/ imbellem auertis Romanis arcibus Indum.* – “Ela um tipo impetuoso de homens, os marsos, a juventude sabélica,/ o lígure habituado a sofrer e os volcos armados de dardos/ produziu, ela os Décios, os Mários, os grandes Camilos,/ os Cipiãoes duros na guerra e a ti, máximo César,/ que agora, já vencedor nas últimas praias da Ásia,/ repeles o hindu imbele das cidadelas romanas” (tradução e grifos nossos).

A “DUREZA” HUMANA NA LIDA COM OS CAMPOS E AS *LAUDES* DO LIVRO II

O livro II das *Geórgicas* constitui importante ponto de passagem para o exame da questão do mal e da violência na presente obra de Virgílio. Não será inútil lembrar que, pelo conhecido esquema interpretativo do poema segundo a alternância de “tons” entre otimismo e pessimismo,³³ caberia aos dois livros pares a atribuição da primeira ambiência emotiva: vemo-nos, afinal, confrontados aqui com partes da obra atinentes, sobretudo, à “alegre” videira (II) e às abelhas, portadoras naturais de tamanhas maravilhas (IV).

Faces um pouco menos risonhas de *Geórgicas* II, porém, começam a delinear-se em uma leitura mais próxima do texto: de início, apesar da eventual ênfase por Virgílio da espontânea fertilidade de certas espécies arbóreas, caso das plantas *silvestres* de inegável utilidade para os rústicos e seus animais e, sobretudo, das oliveiras, o próprio poeta se encarrega de “desmentir” a falta de cuidados no trato produtivo com as mesmas.³⁴ Além disso, a cultura da vinha em si, aspectos “festivos” à parte, reveste-se no contexto de grande complexidade, demandando miúdos e constantes cuidados,³⁵ e nem sempre garante inofensivos frutos.³⁶

Não é, decerto, desprovido de relações com a relativa dificuldade do cultivo das uvas o fato de que, em certos trechos deste livro, Virgílio apresente a relação do *agricola* com as plantas não só sob colorações altamente hierarquizadas, mas ainda indicadoras de alguma violência:

*Ac dum prima nouis adolescit frondibus aetas,
parcendum teneris; et dum se laetus ad auras
palmes agit laxis per purum immixtus habenis,
ipsa acie nondum falcis temptanda, sed uncis
carpendae manibus frondes interque legendae.*

365

³³ Cf. Gale 2000: 18.

³⁴ *Geórgicas* II, 61-62: *Scilicet omnibus est labor impendendus, et omnes/ cogendae in sulcum ac multa mercede domandae.* – “Naturalmente o esforço deve ser dedicado a todas, e todas/ devem ser reunidas num sulco e dominadas com muito custo” (tradução minha).

³⁵ *Geórgicas* II, 397-402: *Est etiam ille labor curandis vitibus alter,/ cui numquam exhausti satis est: namque omne [quotannis/ terque quaterque solum scindendum glaebaque uersis/ aeternum frangenda bidentibus, omne leuandum/ fronde nemus. Redit agricolis labor actus in orbem/ atque in se sua per uestigia uoluitur annus.* – “Há ainda aquele outro trabalho do cuidado das vinhas,/ o qual nunca está suficientemente terminado: com efeito, a cada ano/ todo o solo três e quatro vezes deve ser fendido e os torrões quebrados sem cessar/ virando-se as enxadas, todo o bosque/ deve ser aliviado das folhas. O trabalho feito volta em círculo para os agricultores,/ gira o ano sobre si por suas próprias pegadas” (tradução minha).

³⁶ Em *Geórgicas* II, 454-457, Virgílio lembra que a embriaguês causada pelo vinho já deu origem a derramamentos de sangue, como o dos Centauros, mortos pelos homens nas bodas de Píritoo – o lendário amigo de Teseu – e Hipodâmia, depois de se entorpecerem da bebida e tentarem violar as mulheres na festa para a qual tinham sido convidados (veja-se também Ovid. *Met.* XII, 210-535).

*Inde ubi iam ualidis amplexae stirpibus ulmos
exierint, tum stringe comas, tum braccia tonde:
ante reformidant ferrum: tum denique dura
exerce imperia et ramos compesce fluentis.*³⁷

370

O excerto acima desvela uma específica face da interação do homem rústico com a natureza das vinhas, quando essas, depois de uma fase de crescimento e de se erguerem aos poucos do solo, já escalam árvores e manifestam uma bela, mas indisciplinada, força de plantas adultas. Há de se notar que, nos tempos anteriores a tal desenvolvimento pleno, o agricultor evita tocar excessivamente nos brotos, ao que tudo indica, para evitar debilitá-los ou matá-los pela dureza do trato; veja-se, a esse respeito, o enfático emprego de quatro formas de gerundivo no intervalo 362-366, as duas primeiras com caráter proibitivo da demasiada força [363 – *parcendum*: “devem-se poupar”/ 365 – (*nondum*) *temptanda*: “ainda não deve ser experimentada”], enquanto as seguintes, por sua vez, ocupam-se de direcionar para a correta, mas suave ação (v. 366 – *carpendae*: “devem ser retiradas”/ 366 – *legendae*: “devem ser colhidas”).

A seção v. 367-370, porém, indica a adoção de um posicionamento bem distinto pelo mesmo *agricola*, pois, diante do surgimento do espantoso vigor das plantas, ele passa claramente a coibi-las de maneira abrupta e incisiva: a sequência de quatro imperativos encontrada nesta parte do texto, assim, nos dois primeiros casos apresenta ao leitor verbos vinculados à própria ideia do corte de partes das vinhas (368 – *stringe*: “poda”/ 368 – *tonde*: “tosquia”, “corta”); dos dois últimos, *compesce* (370 – “reprime”, mas também “poda”, em contexto de léxico agrícola) claramente se mantém no mesmo campo semântico, enquanto *exerce* (370 – “implementa”, “prática”, “exerce”) ganha a força proibitiva e “autoritária” que contém, sobretudo, devido ao complemento a que se liga (369-370 – *dura... imperia* – “duros comandos”).

Ora, não nos parece gratuito o novo emprego da palavra “duros” (*dura*, v. 369) em menção a gestos inseridos num entorno indicativo da *drástica* mudança de atitude para com a planta: além do que viemos de dizer ao analisar o livro I das *Geórgicas*, ainda uma passagem seguinte, localizada no livro III, mostra-nos o rústico servindo-se de instrumentos cortantes para agir sobre seus “subordinados” na lida camponesa. Referimo-nos ao que se dá em 452-456,

³⁷ *Geórgicas* II, 362-370: “E, enquanto se desenvolve a primeira idade com novas folhas,/ as tenras devem-se poupar; e enquanto se impele alegre aos ares/ a vara, atirando-se pelo espaço com rédeas soltas,/ a videira ainda não deve ser experimentada a corte de foice, mas com as mãos/ em gancho devem ser retiradas as folhas e colhidas do meio./ Depois, quando já saírem, tendo abraçado os olmos com fortes/ troncos, então poda a coma, então corta os braços:/ antes, temem o ferro: então, enfim, exerce/ duros comandos e reprime os ramos espalhados” (tradução minha).

a propósito da recomendação da crua abertura das úlceras da pele das ovelhas doentes de “sarna” (*scabies*, 441) a “ferro” (453);³⁸ neste ponto, após o oferecimento de certas alternativas terapêuticas, como o banho na água-doce dos rios e a direta aplicação de substâncias medicamentosas (*amurca*³⁹ com “espumas de prata”, enxofre, pez do Ida...), a mais drástica solução mencionada surge também como a mais viável quando se tem em vista a cura, descartando-se inclusive a utilidade de qualquer tentativa de pedir auxílio aos deuses (v. 456).⁴⁰

Obviamente, poder-se-ia sempre dizer que se trata de uma dureza cujos propósitos vêm a dar em bens, ou seja, no correto cuidado das vinhas ou dos rebanhos ovinos. Contudo, o prosseguimento da leitura, como indicam certas proposições de Thomas, parece apontar para alguma tentativa virgiliana de estabelecer nexos entre *várias* situações de emprego da força pelo camponês encarregado do trato de plantas ou animais, como se houvesse uma espécie de gradativo *reforço em cadeia*: em 468, com efeito, surgem os dizeres *continuo culpam ferro compesce*,⁴¹ cuja relação com o ponto em que se inserem diz respeito a recomendar, propriamente, o *sacrifício*⁴² de toda ovelha portadora de certos sintomas mórbidos (recolhimento frequente à sombra, morder sem ímpeto as pontas das ervas, tornar tarde e só para o estábulo...), em tentativa de refreamento do contágio sobre as demais. Ainda, como explicado no comentário do crítico,⁴³ o verbo *compescere* funciona como “fecho de ciclo” de tais gestos bruscos do *agricola*, com a retomada da passagem da poda das vinhas. Todos os três trechos das *Geórgicas* que viemos de apresentar, note-se, são perpassados pelo elemento férreo (II, 369/ III, 453/ III, 468) e, cremos, pela inevitável *dureza* de seu emprego.

³⁸ Cf. Virgil 1994b: 126: 453-4 *ferro... rescindere summum/ ulceris os*: a more radical procedure; cf. 468 *culpam ferro compesce* (see n.; the reference is not merely to surgery).

³⁹ A *amurca* é um resíduo líquido da fabricação do azeite de oliveira, de que Catão tratou no *De agri cultura* e se conheciam muitos usos na rusticidade antiga (cf. Trevizam 2006: 60).

⁴⁰ Para Monica Gale, parece na verdade ambíguo se o que é recomendado nestes versos é apenas a adesão conjunta ao trabalho e às preces ou se, na verdade, um ceticismo mais pronunciado ocorre aqui, dados os “ecos” lucreianos do trecho do mal (sarna) das ovelhas e a conhecida rejeição daquele filósofo a qualquer intervenção divina no mundo (cf. Gale 2000: 75).

⁴¹ *Geórgicas* III, 468: “Sem tardar, poda o mal a ferro” (tradução minha)/ Virgil 1994b: 128-129: 468 The surgery has now become extreme; though the wording is ambiguous, *culpam*, as the next line shows, refers to the infected animal which must be killed to preserve the rest of the flock. Some take the words as a further reference to the removal of the sores. *Compesco* denotes vigorous and violent suppression, as at 2.369-70, the only another instance in V.

⁴² Interessa acrescentar que, na mítica Idade áurea, a convivência entre homens e animais, ou mesmo entre todas as espécies entre si, foi apresentada como inteiramente harmoniosa [cf. Virgil 1994b: 142: 537-8 *non lupus... obambulat*: a clear evocation of the golden age; cf. 1.129-30; E. 5.60-1 *nec lupus insidias pecori, nec retia cervis/ ulla dolum meditantur*; also Hor. *Epd.* 16.51 *nec uespertinus circumgemit ursus ouile* (V. transforms Horace’s curious bear to the more conventional wolf – a transformation acknowledged by Horace at *Odes* 1.17.7-8 *nec [capri] metuunt.../ Martialis Haediliae lupos)*].

⁴³ Veja-se acima nota 41.

O rigor do trato com as vinhas parece-nos transparecer, embora com menor intensidade, ainda no trecho abaixo, que não deixa, mesmo, de guardar semelhanças com a dicção *guerreira* homérica:⁴⁴

*Vt saepe ingenti bello cum longa cohortis
explicuit legio et campo stetit agmen aperto* 280
*derectaeque acies ac late fluctuat omnis
aere renidenti tellus necdum horrida miscent
proelia, sed dubius mediis Mars errat in armis.*⁴⁵

Apesar das reminiscências bélicas, tais versos, em princípio, apenas oferecem um paralelo visual entre a forma de organização dos exércitos em campo de batalha – os quais não podem, evidentemente, postar-se ali em desordem – e aquela requerida das parreiras plantadas pelas atentas mãos do *agricola*. No tocante à ordenação dessas plantas sobre o solo, o que o justifica é a necessidade prática de bom aproveitamento do espaço agrícola e da uniforme exposição das vinhas, como, aliás, de quaisquer outras árvores, aos elementos naturais imprescindíveis à vida vegetal (chuvas, luz do sol, ventos...).⁴⁶ Contudo, para o exame das questões que aqui nos interessam, também a ordenação dos vinhedos deixa de assumir meros ares “organizacionais” da produtividade agrícola para revestir-se de sentidos atinentes à face “belicosa” do *rusticus*, pois, como resultado de sua atuação no trabalho com fins de evitar a desordem do ambiente campesino, ele se aproxima nesses versos de um enérgico *general* diante de suas tropas.

Tornando a uma forma de interação mais brusca com a natureza, por vezes o livro II das *Geórgicas* trata de aspectos aos quais poderíamos atribuir certo alheamento quanto a alguns costumes religiosos dos romanos:

*Aut unde iratus siluam deuexit arator
et nemora euertit multos ignaua per annos
antiquasque domos auium cum stirpibus imis*

⁴⁴ Cf. Virgil 2003: 136: 282-3 *aere renidenti*: the glitter is Homeric: “II”. 20.362 γέλασσε δὲ πᾶσα περὶ χθῶν χαλκοῦ ὑπὸ στεροπῆς.

⁴⁵ *Geórgicas* II, 279-283: “Como amiúde na guerra enorme, quando uma longa legião/desdobrou as tropas, em campo aberto pôs-se de pé o exército/ e a frente de batalha alinhada, e largamente ondula toda/ a terra com o bronze reluzente; ainda não se misturam em horrendas/ batalhas, mas Marte erra dúbio em meio às armas” (tradução minha).

⁴⁶ Cf. Varrão 2012: 39: I, VII: *Itaque maiores nostri ex aruo aequae magno male consito et minus multum et minus bonum faciebant uinum et frumentum, quod quae suo quicque loco sunt posita, ea minus loci occupant, et minus officit aliud alii ab sole ac luna et uento.* – “Assim, nossos ancestrais colhiam uvas e trigo em menor quantidade e menos bons num campo do mesmo tamanho plantado desordenadamente; com efeito, o que foi posto em seu lugar ocupa menos espaço e interpoõe-se menos entre os outros e o sol, a lua e o vento” (tradução minha).

*eruit: illae altum nidis petiere relictis;
at rudis enituit impulso uomere campus.*⁴⁷

Ora, o que divisamos acima trata do frio e calculista desmatamento de uma área florestal para, imaginamos, o benefício financeiro do dono das terras em que se encontra: assim, como os bosques foram “carreados” (207: *deuexit*), e, enfim, o “campo rude” (211: *rudis... campus*) “brilhou” (211: *enituit*), aquele pôde auferir ganhos materiais nos planos da venda da madeira e do posterior rendimento agrícola do terreno aberto com o corte das árvores. Certos detalhes constitutivos do trecho, no entanto, permitem-nos questionar até que ponto a adoção de semelhante, e tão decidida, postura significou um “sucesso” do *agricola*: de início, ele é qualificado de “irado” (207: *iratus*), o que parece indicar tudo, menos a adoção de gestos reverenciais no contato com o elemento da natureza sobre o qual deseja intervir de forma tão profunda.⁴⁸ Esse elemento, dissemos, são as matas “improdutivas por muitos anos” (208: *multos ignaua per annos*), que, embora “sem utilidade” do ponto de vista de um revendedor de madeira ou agricultor ávido de fazer a terra a todo custo produzir grãos, por exemplo, provavelmente deveriam estar ali há muito, desde, talvez, tempos imemoriais, e abrigavam uma fauna característica – as aves –, até então inserida em harmonia no meio circundante. A respeito desse último ponto, é preciso dizer, tais aves abandonaram seus filhotes nos ninhos que foram obrigadas a deixar, já que as árvores onde habitavam se arrancaram por inteiro, desde “as mais fundas raízes” (209: *cum stirpibus imis*).

O resultado final de toda a “bem sucedida” operação foi o “brilho” (211: *enituit*) de um “campo rude/ inculto” (211: *rudis... campus*), o qual, pela lógica financeira e “civilizadora” da passagem, parece “justificado”. O conhecimento, contudo, da usual postura dos romanos em seu contato predatório com as matas favorece, como anunciamos, que se façam ressalvas ao gesto do *agricola*, conforme aqui apresentado: de início, em seu pensamento religioso, os bosques naturais se conceberam como espaços *sagrados*, ou mesmo habitações de misteriosos deuses silvestres, de cuja ira não convinha abusar.⁴⁹

⁴⁷ *Geórgicas* II, 207-211: “Ou donde o irado homem a arar carregou o bosque,/ abateu matas improdutivas por muitos anos/ e derrubou as casas antigas das aves com as mais fundas/ raízes; elas buscaram os céus deixando os ninhos,/ mas brilhou o campo rude com a passagem do arado” (tradução minha).

⁴⁸ Cf. Virgil 1994a: 195: 207 *iratus... arator*: V. regularly used vivid adjectives to characterize his ploughmen: *robustus... arator*, E. 4.41; *tristis arator*, 3.517 and n.; *durus arator*, 4.512; also *robustus... fossor*, 2.264.

⁴⁹ Sobre tais escrúpulos religiosos (ou a falta deles), cf. Lucano 2011: 256-257: III, 432-448 *Implicitas magno Caesar torpore cohortes/ ut uidit, primus raptam uibrare bipennem/ ausus et aeriam ferro proscindere quercum/ effatur merso uiolata in robora ferro:/ “Iam nequis uestrum dubitet subuertere siluam,/ credite me fecisse nefas”. Tum paruuit omnis/ imperiis non sublato secura pauore/ turba, sed expensa superiorum et Caesaris ira./ Procumbunt orni, nodosa inpellitur ilex,/*

A própria literatura agrária romana oferece-nos exemplos dos cuidadosos escrúpulos do homem do campo quando se faz preciso extrair a madeira, mesmo que pouca, dos bosques sob sua responsabilidade:

CXXXIX. É preciso cortar um bosque à maneira romana assim: oferece um porco como vítima expiatória e recita esta fórmula: “Se és um deus ou uma deusa a quem este santuário é dedicado, como é justo sacrificar a ti um porco para vítima expiatória em paga do corte deste local sagrado e por esse motivo, que seja feito corretamente quer por mim quer por quem eu mandar; por esse motivo, imolando este porco como vítima expiatória, suplico-te com boas súplicas que sejas favorável e benévolo para mim, minha casa, minha gente e meus filhos; sejas por isso glorificado pelo sacrifício deste porco expiatório”.⁵⁰

Em obra traduzida para o francês, Paolo Fedeli apresenta várias passagens da literatura antiga nas quais se documentam escrúpulos dos antigos romanos diante da indiscriminada exploração dos recursos naturais: em uma carta de Sêneca a Lucílio (94.57), assim, o filósofo manifesta seu ponto de vista sobre a mineração como um sacrilégio, como se a própria dificuldade da empresa, acrescida dos males trazidos pelo manejo cultural dos metais (fabrico de armas, disputas sanguinárias pelo ouro...), já indicasse o *erro* de semelhante atividade econômica.⁵¹ Curiosos eventos relativos à construção do *Portus Iulius*, obra que ligou, na Itália, os lagos Lucrino e Averno por feito de Agripa, o “braço-direito” de Augusto, comprovam ainda os receios dos romanos quanto à derrubada de matas para o “aproveitamento do espaço”: ora, o segundo lago citado e seus bosques eram consagrados aos deuses infernais e, no passado,

siluaque Dodones et fluctibus aptior alnus/ et non plebeios luctus testata cupressus/ tum primum posuere comas et fronde carentes/ admisere diem, propulsaque robore denso/ sustinuit se silua cadens. Gemuere uidentes/ Gallorum populi; muris sed clausa iuuentus/ exultat; quis enim laesos impune putaret/ esse deos? (...) – “Vendo César seus homens imobilizados,/ ele primeiro ousou o machado empunhar/ e, cortante, cravá-lo num carvalho altíssimo./ Nisso, enterrado o ferro ultrajante, falou:/ “P’ra que não vacileis ante o desmatamento,/ pensai ser meu o nefas”. Então, satisfazem-lhe/ as ordens, não fiados no fim dos temores,/ mas pesando o furor dos deuses e o de César./ Derrubam teixos, o nodoso azinho arrancam./ As selvas de Dodona, e, afeito a ondas, o álamo,/ e o cipreste, que guarda lutos não plebeus,/ então, por vez primeira, sem copa e sem folhas,/ receberam a luz; tão denso fora o bosque/ que abatido de pé ficava. Ao ver aquilo/ queixou-se a Gália; o infante, intramuros, porém,/ festejou: quem creia que uma ofensa aos deuses/ impune ficaria?”

⁵⁰ Catão 2006: 120: CXXXIX *Lucum conlucare/ Romano more sic oportet. Porco piaculo facito,/ sic uerba concipito: “Si deus, si dea es, quoium/ illud sacrum est, uti tibi ius est porco piaculo/ facere illiusce sacri coercendi ergo harumque/ rerum ergo, siue ego siue quis iussu meo fecerit,/ uti id recte factum siet, eius rei ergo te hoc porco/ piaculo inmolando bonas preces precor, uti sies/ uolens propitius mihi domo familiaeque meae/ liberisque meis: harumce rerum ergo macte hoc/ porco piaculo inmolando esto”* (tradução minha).

⁵¹ Cf. Fedeli 2005: 55.

“os homens apenas se aproximavam deles após os sacrifícios cabíveis”.⁵² Desse modo, embora não tenham faltado celebrantes⁵³ do feito (predatório) de construção civil a que aqui aludimos, Mário Sérgio Honorato, comentador antigo de Virgílio, observou, em explicação ao v. 162 do livro II das *Geórgicas*, que, durante a construção do *Portus*, ocorreu uma terrível tempestade acompanhada de vários prodígios, o que levou os pontífices a realizarem os ritos purificadores adequados, com fins de apaziguarem a cólera divina.⁵⁴ Além disso, atesta-se em Plínio, o Velho (17, 1), que “as leis antigas protegiam também as árvores, e a lei das Doze Tábuas proibia cortar sem direito aquelas de propriedade alheia, sob o castigo de uma multa de vinte e cinco asses por pé; as águas e os bosques sagrados, invioláveis porque ali habitavam deuses, sátiros e ninfas, desfrutavam indiscriminadamente de proteção: nesses lugares, a vegetação original podia crescer e espalhar-se”.⁵⁵

Embora não possamos assegurar, para o bosque derrubado pelo *agricola* na passagem de Virgílio sob o presente foco analítico, a mesma consagrada santidade de lugares como as matas do Averno ou do próprio Esquilino,⁵⁶ em Roma, amiúde coube, pelo pensamento antigo, mais respeito a *todas* as paisagens naturais intocadas. Além disso, é inegável que o modo de tratamento oferecido por Virgílio para a questão acaba por patentear os males inerentes a qualquer processo “civilizatório”:

210-11 *illae altum nidis petiere relictis,/ at rudis enituit impulso uomere campus:* isso apreende o dilema do Livro 2, e do poema como um todo: o progresso cultural impõe perdas e sofrimento à natureza; ignorar os últimos (*enituit* sugere beleza e ordem em contraste com o que antes era selvagem e rude’ (Page)) é simplificar e distorcer o poema.⁵⁷

O mesmo Virgílio, porém, nas *Laudes Italiae* (v. 136-176), parece em superfície elogiar a feitura do *Portus Iulius*, em meio a outras vantagens naturais

⁵² Cf. Fedeli 2005: 79.

⁵³ Cf. Fedeli 2005: 79: L’attitude de Strabon, dans les mêmes années, était bien différente: il se place sur un plan rationnaliste et pragmatique. En effet dans sa description du paysage autrefois sauvage et inaccessible de l’Averne (5, 4, 5), il exprime sa satisfaction de voir la forêt coupée par l’homme.

⁵⁴ Cf. Fedeli 2005: 78.

⁵⁵ Cf. Fedeli 2005: 91 (tradução minha).

⁵⁶ Cf. Fedeli 2005: 92.

⁵⁷ Cf. Virgil 1994a: 196: 210-11 *illae altum nidis petiere relictis,/ at rudis enituit impulso uomere campus:* this captures the dilemma of Book 2, and of the poem as a whole: cultural progress imposes loss and suffering on nature; to ignore the latter (*enituit* suggests beauty and order in contrast with what was previously wild and rugged’ (Page)) is to simplify and distort the poem (tradução minha).

e humanas de que desfrutaria a região (v. 161-164).⁵⁸ Esse elogio da Península, no entanto, não é uma passagem da obra desprovida de controvérsias interpretativas – estaria, de fato, o poeta *enaltecendo* as “boas qualidades” da Itália? –,⁵⁹ de maneira que não consideramos impossível a problematização de tais “boas palavras” naquele contexto aparentemente oposto ao trecho da “denúncia” do brusco corte da mata no mesmo livro II. Também importa lembrar,⁶⁰ sobre os meandros interpretativos de tal passagem, que um dos controversos traços “elogiados” por Virgílio nos itálicos (os marsos, os volscos, os lígures, os Mários, os Camilos, *César...* – v. 167-172) corresponde justo a seu caráter de bravura/belicoso; todavia, sabemos que, nas *Laudes ruris* do mesmo livro, contrapõem-se em seguida a paz e o sossego dos campos à *violência* do meio urbano [v. 496-497/ v. 503-504: *ruuntque/ in ferrum* – “atiram-se ao ferro (às armas)”].

Sobre as *Laudes ruris* em si (v. 490-540), nelas se estabelece o elogio da vida camponesa como o oposto de vários males associáveis à existência dos cidadãos (embates políticos e luxo, v. 495; guerras fratricidas ou no estrangeiro, v. 496-497; pena dos miseráveis ou inveja dos ricos, v. 498-499; medo dos ladrões, v. 507...), dispondo os rústicos dos frutos “espontaneamente” (v. 501: *sponte*) produzidos pela terra, de “rebanhos” (v. 515: *armenta*), do “feixe do colmo de Ceres” (v. 517: *Cerealis mergite culmi*), de uma “casta morada” (v. 524: *casta... domus*), de inócuos folguedos entre si (v. 529-531)... Tal vida é, ainda, aproximada pelo poeta daquela dos velhos sabinos,⁶¹ de Remo e do irmão (v. 533: *Remus et frater*) e, curiosamente, dos tempos de Saturno (v. 538), anteriores à tomada do cetro pelo “rei Díteu” (v. 536: *Dictaei regis*),⁶² quando uma “ímpia estirpe” (v. 537: *impia... gens*) ainda não se alimentava da carne de animais abatidos (v. 537: *caesis... est epulata iuuencis*), não havia sons

⁵⁸ Cf. Trevizam 2010: 135-144.

⁵⁹ Cf. Ross Jr. 1987: 115-119. Na passagem, o autor propõe análises em que se evidenciam as “mentiras” do poeta no confronto entre as palavras do elogio da Itália – livro II – e a realidade da natureza e do meio social naquela região antiga. Assim, a ninguém minimamente informado passaria despercebido que não podem existir na Península “primaveras eternas”, como Virgílio declara em v. 149; além disso, ao contrário de suas seguidas afirmações (v. 150, v. 152, v. 153-154), as árvores, na “vida real”, bem como os rebanhos, apenas dão seus frutos (ou crias) uma vez ao ano; os acônitos, tipo de planta venenosa, de fato brotam na Itália (como já observara perplexo Sêrvio Honorato), e também há serpentes peçonhentas naquelas paragens. Dessa forma, a partir das análises de Ross, permitimo-nos perguntar, diante de “mentiras” tão evidentes sobre o objeto dos elogios, se não há alguma ironia do poeta para com o país e seus atributos. Afinal, se de fato coubessem à Itália tantas e tão inequívocas qualidades, por que tal “mascaramento” seria preciso? No caso do suposto elogio à obra de engenharia identificada com o *Portus Iulius*, no entanto, a “mentira” estaria não no fato de sua existência em si, mas antes na “aprovação” do poeta à sua feitura e sacrílega localização.

⁶⁰ Veja-se acima nota 32.

⁶¹ A esse povo se atribuía, na Antiguidade, caráter de tradicionalismo e respeito às velhas tradições sociais e religiosas da Itália (cf. Deschamps 1983: 157-187.).

⁶² Como nos informa Williams (Virgil 1979: 177), Júpiter for a criado no monte Díte, em Creta.

de trombetas marciais (v. 539) nem espadas forjadas sobre “*duras bigornas*” (v. 540: *duris... incudibus*). Para o atento leitor de outras passagens das *Geórgicas*, porém, jamais passaria despercebida a presença de *ferramentas/ arma*, abates de animais, violência e combates na própria rotina diária do rústico...

A PESTE NÓRICA E SUAS CAUSAS, AS OBRAS DE VÊNUS E O MAL EM *GEÓRGICAS III*

Em certo sentido, o livro III das *Geórgicas* tematiza a presença do mal no mundo, ou no meio agrário, do modo mais grave e inescapável: esta é a parte da obra em que se encontra o famoso episódio da Peste Nórica, cujo mórbido alcance chega à própria aniquilação de toda a vida na zona, ficcionalmente,⁶³ atingida. Antes, porém, de chegarmos ao ponto de abordagem dessa passagem das *Geórgicas*, convém percorrer alguns trechos prévios, com vistas ao oferecimento de uma visão panorâmica do assunto aqui em pauta ao longo de todo o livro III.

Assim, observamos desde os versos iniciais a evocação de figuras míticas facilmente associáveis a crimes e arbitrariedades. No trecho correspondente aos versos 1-9, Virgílio, em iniciativa programática de delimitar a zona criativa que há de percorrer (ou não) com a escrita do livro que se inicia, o qual, sabemos, tem por objeto da preceituação técnica a criação de grandes (equinos e bois) e pequenos (caprinos e ovelhas) animais, cita certos elementos aceites ou rejeitados como tema poético:

*Te quoque, magna Pales, et te, memorande, canemus,
pastor ab Amphryso; uos, siluae, amnesque Lycaei.
Cetera, quae uacuas tenuissent carmine mentes,
omnia iam uolgata: quis aut Eurysthea durum
aut inlaudati nescit Busiridis aras?
Quoi non dictus Hylas puer et Latonia Delos
Hippodameque umeroque Pelops insignis eburno,
acer equis? Temptanda uia est, qua me quoque possim
tollere humo uictorque uirum uolitare per ora.*⁶⁴

5

Aceitam-se, então, Pales (v. 1), o “memorável pastor do Anfriso” (v. 1-2) e os “bosques e rios do Liceu” (v. 2), sendo posteriormente rejeitados

⁶³ Cf., sobre a “montagem” literária desse episódio das *Geórgicas*, Pigeaud 1998: 157-172.

⁶⁴ *Geórgicas III*, 1-9: “A ti também, Grande Pales, e a ti, memorável pastor/ do Anfriso, cantaremos, e vós, bosques e rios do Liceu./ Todas as outras coisas, que ocupassem mentes vazias/ com um poema, já estão gastas: quem desconhece o duro/ Euristeu ou os altares do infame Busíris?/ Por quem não foi celebrado o menino Hílas, Delos de Latona/ Hipodâmia e Pélope, insigne pelo ombro ebúrneo,/ impetuoso com os cavalos? Deve-se tentar um caminho por onde eu possa também a mim/ levantar do solo e voitar triunfante pelas bocas dos homens” (tradução minha).

“duro Euristeu” (v. 4),⁶⁵ os “altares do infame Busíris” (v. 5), o “menino Hilas” (v. 6), Delos de Latona (v. 6), “Hipodâmia” e “Pélope” (v. 7). O motivo que o explica, a saber, diz respeito, além da consumada vulgarização de alguns desses assuntos, ao fato de que não cabe tão bem tematizar certas personagens ou lugares, por mais célebres que sejam, em um contexto de abordagem didática da pecuária (que em princípio faria Hilas, *puer delicatus* de Hércules,⁶⁶ em meio a preceitos para nutrir cavalos e tosquiar ovelhas?), enquanto outros se quadram a isso com grande justeza: Pales é uma deusa (ou deus) do imaginário religioso itálico, a qual, embora desprovida de aventuras míticas próprias, era tida como protetora de rebanhos e pastores;⁶⁷ o “pastor do Anfriso” que evoca o poeta é nada menos que Apolo na aventura da submissão a Admeto, rei de Feras, pois então lhe serviu de boieiro (ou guardador de cavalos) às margens do rio Anfriso para expiar a morte dos Ciclopes por suas mãos, ou mesmo por estar apaixonado pelo soberano;⁶⁸ enfim, os “bosques e rios do *Liceu*” correspondem a uma serra da Arcádia associável ao pastoreio ou ao nascimento e morada de Pã (Teócrito, I, 123),⁶⁹ ente do imaginário grego cujos atributos eram semelhantes aos de Pales.

Entre as personagens “rejeitadas”, Pélope, esposo de Hipodâmia, cuja mão ganhara ao vencer uma corrida de carro, destaca-se pela extrema violência do ato que sofreu pelas mãos do próprio pai, pois ele, o rei Tântalo da Frígia, matara-o, cozinhara-o e servira aos deuses em banquete funesto, provavelmente para testar-lhes em sacrilégio a clarividência. Como apenas Ceres devorou um dos ombros de Pélope, foi preciso fabricar-lhe uma correspondente prótese de marfim quando seu corpo foi refeito e devolvido à vida por comisseração divina.⁷⁰ Busíris, por sua vez, é um mítico rei do Egito associável ao ciclo lendário de Hércules: na verdade, quando da passagem do herói por aquela região, esse

⁶⁵ Cf. Grimal 1963: 154: Eurysthée apparaît, dans la légende d'Héraclès, comme un homme imparfait, physiquement et moralement, tremblant de peur devant le héros et incapable de mériter le pouvoir qu'il tient de la volonté divine. (...) Celui-ci lui imposa alors les “travaux” qui devaient faire la gloire du héros et lui mériter l'apothéose.

⁶⁶ Cf. Gonçalves 2007: 84: Hilas, que acompanhara Hércules na expedição dos Argonautas, quando arribaram às costas da Ásia, embrenhara-se na floresta à procura de água e, depois da tentativa frustrada de rapto por parte dos filhos alados de Bóreas, ao chegar junto de uma fonte que brota no meio de uma paisagem idílica, onde colhe flores, é raptado pelas Ninfas que se apaixonaram por ele por causa da sua extrema beleza.

⁶⁷ Cf. Brandão 1993: 238.

⁶⁸ As tradições em torno dos motivos dessa servidão de Apolo a um mortal divergem. R. D. Williams, comentarador supracitado das *Geórgicas*, observa em nota a v. 2, que a causa do evento fora uma punição infligida ao deus por ter matado os Ciclopes (cf. Virgil 1979: 178); contudo, também há relatos de uma causa amorosa – a própria paixão apolínea por Admeto – como fator desencadeante de tais serviços (Calímaco, *Apoll.* 48-49).

⁶⁹ Cf. Grimal 1963: 342.

⁷⁰ Cf. Grimal 1963: 354-355.

soberano tentou matá-lo como vítima sacrificial conduzida ao altar com todos os aparatos do culto (fitas, coroa de flores na cabeça...). Entretanto, Hércules conseguiu escapar no último momento e matou Busíris e seu filho, Anfidamas, pondo fim à longa série de crueldades do malfeitor.⁷¹

Parece-nos evidente, nos dois casos, o cometimento de sacrilégios por Tântalo – inclusive, depois castigado nos Infernos de modo horrível como paga de seus crimes –⁷² e Busíris, já que ambos violam a *fides*,⁷³ valor dos mais caros à moralidade ou à religião romana. Com efeito, Tântalo menospreza, com o gesto da transformação do filho em comida, a confiança dos deuses, que o tinham admitido à sua companhia, enquanto Busíris falhou ao tentar enganar um hóspede da maneira mais pérfida, pois tinha em vista executá-lo em mostra de sua “hospitalidade”.⁷⁴ Especialmente, a cultura antiga dá mostras de profundo acato ao valor da hospitalidade, e de sua benquerença aos deuses, pelo menos desde Homero.⁷⁵

Apesar do rechaço de tais personagens, com suas injustiças, do foco de sua presente poesia, o tópico da violação ao pacto com o divino ainda retornará nos versos subsequentes do livro III das *Geórgicas*. De início, assim, importa atentar para a passagem abaixo, em que um novo e curioso mito é relatado pelo poeta:

*Scilicet ante omnis furor est insignis equarum
et mentem Venus ipsa dedit, quo tempore Glauci
Potniades malis membra absumpsere quadrigae.
Illas ducit amor trans Gargara transque sonantem
Ascanium; superant montis et flumina tranant.*⁷⁶

270

⁷¹ Cf. Grimal 1963: 68-69.

⁷² Ovídio, *Amores* II, 2, 43-44: *Quaerit aquas in aquis et poma fugacia captat/ Tantalus; hoc illi garrula lingua dedit.* – “Busca água nas águas e pega frutos fugazes/ Tântalo; isto lhe deu a língua faladora” (tradução minha).

⁷³ Cf. Pereira 1989: 323: A história da palavra foi primeiro clarificada por Eduard Fraenkel no artigo respectivo para o *Thesaurus Linguae Latinae* e depois num ensaio “Zur Geschichte des Wortes Fides”. Ai se concluiu que o sentido habitual, dado pelos léxicos, “de confiança” não é anterior a Cícero; e que o significado corrente na literatura republicana é o de “garantia”; esse seria o valor originário.

⁷⁴ Ovídio, *Metamorfoses* IX, 182-183: *Ergo ego foedantem peregrino templa cruore/ Busirin domui? (...)* – “Então eu mesmo subjuguéi Busíris que conspurcava os templos/ com sangue estrangeiro?” (tradução minha).

⁷⁵ Cf. Homero 2011: 412: *Od.14.53-54* – “Ζεύς τοι δοίη, ξείνε, καὶ ἀθάνατοι θεοὶ ἄλλοι,/ ὅτι μάλιστ' ἐθέλεις, ὅτι με πρόφρων ὑπέδεξο.”/ τὸν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη, Εὐμαίε συβῶτα/ “ξείν', οὐ μοι θέμις ἔσθ', οὐδ' εἰ κακίων σέθεν ἔλθοι,/ ξείνον ἀτιμῆσαι(...).” – “Zeus te conceda, anfitrião, e os outros Numes,/ o que mais queiras, pois solicito me acolhes”. E assim te pronunciaste, Eumeu, ao responder:/ “Não é do meu feitio menosprezar um hóspede,/ mesmo se o seu quinhão for bem menor que o teu, (...)”.

⁷⁶ *Geórgicas* III, 266-270: “Naturalmente, mais do que todos é notável o furor das éguas/ e a própria Vênus inspirou o sentimento quando de Glauco/ os membros as potniades quadrigas

Tais versos, integrantes do assunto da reprodução dos animais durante o tempo primaveril, apresentam-nos um quadro que se liga ao exercício de uma “justa” vingança pela deusa Vênus. Trata-se, como se depreende em parte da própria leitura do trecho, de que essa divindade incita as éguas de Glauco, lendário filho de Sísifo, a devorarem o próprio dono em paga por ele lhe ter negado o direito, ou seja, a satisfação do instinto sexual dos animais, a fim de que tivessem mais ímpeto para disputar uma corrida.⁷⁷ Ocorre, pelo pensamento antigo, que não há deuses, ou forças regidas por eles, mais ou menos nobres, *devendo-se igualmente honrar a todos*.⁷⁸ Um conhecido exemplo mítico desse preceito é o da perdição de Hipólito, filho do rei Teseu de Atenas, por odiar as mulheres e negar-se até o fim a servir a Afrodite, pois sua castidade e devoção a Ártemis, *virgem* caçadora, era plena e absorvente. Ora, como sabemos, o resultado dessa afronta a Afrodite foi a instigação de um desejo ardente sobre Fedra, sua madrasta, por ele, do que resultou o suicídio da mulher em meio aos conflitos emocionais daí advindos e a morte do próprio Hipólito, quando arrastado por seus cavalos sob a equivocada maldição do pai.⁷⁹

Como explicamos em outra ocasião, também se poderiam notar aqui ecos do *De re rustica* de Varrão, todavia com as adaptações cabíveis ao entorno compositivo das *Geórgicas*.⁸⁰ Na verdade, em II, 7, 9, ocorre o relato, na obra varroniana citada, do ataque de um cavalo ao cocheiro que o guiava justamente por aquele *não desejar* cobrir a matriz e, mesmo assim, ser coagido ao ato com a cabeça tapada.⁸¹ Como se nota, na versão do tratado em prosa, não um dono de éguas sofre o ataque de *várias fêmeas*, mas certo condutor (*auriga*) de um só

devoraram com suas mandíbulas./ Transporta-as o desejo além dos Gárgaros e além do sonoro/ Ascânio; ultrapassam montes e atravessam rios a nado” (tradução minha).

⁷⁷ Cf. Virgil 1994: 92.

⁷⁸ Cf. Oliveira 2011: 58: Na lógica grega, a relação entre o moralmente superior e o moralmente inferior é nuançada: ali, é fundamental a noção de *métron*, medida, equilíbrio. Hipólito, que é um fanático da castidade, venera absolutamente Ártemis (deusa virgem) e despreza absolutamente Afrodite. Paulo consideraria a atitude de Hipólito virtuosa; um grego do século V a.C., não: na atitude de Hipólito não há medida, não há equilíbrio entre esses dois aspectos de nossas existências – Afrodite e Ártemis, sexo e castidade. Adotar visceralmente um extremo – seja Afrodite, seja Ártemis – com total desprezo pelo outro não é virtude, é *hybris*.

⁷⁹ Cf. Eurípidés 2010: 110: 1347-1350 Ἄϊαί αἰαί! / δύστινος ἐγώ, πατρός ἐξ ἄδίκου/ χρησιμοῖς ἄδίκους διελυμάνθη./ ἀπόλωλα τάλας, οἴμοι μοι. – “Ai ai, / pobre de mim! Injusto oráculo/ de injusto pai estraçalhou-me! / Ai de mim, mísero, estou morto!”

⁸⁰ Cf. Trevizam 2009b: 85-88.

⁸¹ Varrão 2012: 170: II, 7, 9: *Tametsi incredibile, quod usu uenit, memoriae mandandum. Equus matrem salire cum adduci non posset, cum eum capite obuoluto auriga adduxisset et coegisset matrem inire, cum descendenti dempsisset ab oculis, ille impetum fecit in eum ac mordicus interfecit.* – “Embora seja espantoso, há que se recordar algo que de fato sucedeu. Não podendo um cavalo ser levado a cobrir a matriz, tendo-o conduzido o cocheiro com a cabeça coberta e obrigado a cobri-la, aquele o atacou e matou com mordidas depois que desceu e seus olhos foram desimpedidos” (tradução minha).

macho; os motivos do incidente, ainda, acham-se trocados em um e outro caso, pois, da sacrílega privação do sexo em Virgílio, passa-se à contrariedade do desejo de manter-se casto em Varrão. Além de uma possível correção “científica” ao predecessor,⁸² a motivação para tais mudanças em Virgílio diz respeito a que o poeta, além de aqui considerar o sexo em sua dimensão sagrada de uma força irresistivelmente *instigada sobre todos* por obra de Vênus, atribui ao espontâneo *aflorescer* desse instinto potenciais *destrutivos*, segundo a lógica interna de *Geórgicas* III.⁸³ Isso se dá porque a vida rústica é concebida, neste poema, como contínuo esforço dos camponeses para manterem à distância os sucessivos problemas da mera natureza (degeneração de sementes não selecionadas com minúcia, excessivo e estéril crescimento das vinhas, ferimentos ou doenças sobre animais de maior porte e abelhas...),⁸⁴ de modo que todos os fatores interferentes sobre a regrada ordem de sua lida quotidiana merecem atenção e, não raro, geram empecilhos para o bom andamento dos trabalhos e da segurança no meio agrário.

Assim, embora seja evidentemente necessária a reprodução sexuada dos rebanhos no livro de que nos ocupamos e o *magister* didático se dedique a preceituar, em várias ocasiões, a fim de que isso ocorra com os menores riscos possíveis, o tempo do alcance dos animais (ou homens!)⁸⁵ pelo desejo, que a passagem das éguas de Glauco integra, é descrito como tempestuoso, dados

⁸² Cf. Trevizam 2009b: 87-88: Ora, como o reconhecimento do ímpeto sexual inalcançável das éguas coubera, já, ao Aristóteles da *História dos animais* (572a8-30) e a ênfase do livro III das *Geórgicas* é dada, bem o vimos, ao transbordar (não à contenção) desse instinto, poder-se-ia, por conseguinte, ler tal passagem virgiliana à maneira de uma segura “correção”, no sentido de que, inclusive recorrendo à autoridade “científica” do filósofo grego, passa-se a enfatizar, na versão poética, não só um aspecto mais “documentado” do hábito dos equinos, mas, é notório, de fato condizente com o teor deste livro.

⁸³ Cf. Grilli 1982: 104-105: È così che tutta la vicenda d’amore pare che non conosca le luci, le gioie, il godimento dell’accoppiamento, ma solo furia di passione che travolge senza requie e senza serenità. Per questo Venus non ha mai epiteti, perché è – come in tutta la latinità – solo il piacere fisico con i suoi stimoli insaziabili e distruggitori: e non per nulla in tutto il IV libro, dove si parla d’amore, Lucrezio non ha epiteti per Venus.

⁸⁴ A própria máxima *labor omnia uicit/ improbus* (*Geórgicas* I, 145-146: “o trabalho de tudo se apossou/ incessante”), que dá o “tom” da atividade humana na obra inteira, por inserir-se no início dela e corresponder a parte do “desenho mítico” esboçado como imagem aproximativa da vida de todos os camponeses sob o “reinado de Júpiter”, propicia divisar que a existência do rústico tratado no poema são só trabalhos (cf. Virgil 1994a: 92).

⁸⁵ Cf. *Geórgicas* III, 258-263: *Quid iuuenis, magnum cui uersat in ossibus ignem/ durus amor? Nempe abruptis turbata procillis/ nocte natat caeca serus freta; quem super ingens/ porta tonat caeli, et scopulis inlisa reclamant/ aequora; nec miseri possunt reuocare parentes/ nec moritura super crudeli funere uirgo.* – “E o jovem, em cujos ossos o duro amor/ revolve o grande fogo? Decerto, desabando tempestades, por mares/ perturbados nada tarde na noite escura; sobre ele,/ a enorme porta do céu tropeja, e ondas quebradas nos escolhos/ chamam; nem podem revocá-lo os pobres pais,/ nem a virgem por também morrer de crua morte” (tradução minha). A referência anônima, aqui, é a Leandro, amante de Hero, sacerdotisa de Afrodite, que morreu ao atravessar o Helesponto mesmo em uma noite de tempestade, na ânsia de estar com essa mulher.

seus ímpetos para concretizar, a todo custo, a união com os parceiros.⁸⁶ É bastante ilustrativa do caráter altamente perturbador de *Amor*, como chama o poeta ao instinto, uma passagem como a da disputa da novilha apetejada por dois bois, cujo desfecho, depois dos ferimentos e da fuga do derrotado, vem a dar na violenta revanche contra o rival:

Pascitur in magna Sila formosa iuuenca:
illi alternantes multa ui proelia miscent 220
uolneribus crebris; lauit ater corpora sanguis,
uersaque in obnixos urgentur cornua uasto
cum gemitu: reboant siluaeque et longus Olympus.
Nec mos bellantis una stabulare; sed alter
uictus abit longeque ignotis exsulat oris 225
multa gemens ignominiam plagasque superbi
uictoris, tum quos amisit inultus amores:
et stabula adspectans regnis excessit auitis.
Ergo omni cura uiris exercet et inter
dura iacet pernix instrato saxa cubili 230
frondibus hirsutis et carice pastus acuta,
et temptat sese atque irasci in cornua discit
arboris obnixus trunco, uentosque lacessit
ictibus et sparsa ad pugnam proludit harena.
Post, ubi collectum robur uiresque refectae, 235
signa mouet praecepsque oblitum fertur in hostem;
fluctus uti, medio coepit cum albescere ponto
longius ex altoque sinum trahit, utque uolutus
ad terras immane sonat per saxa neque ipso
monte minor procumbit, at ima exaestuauit unda 240
uerticibus nigramque alte subiectat harenam.⁸⁷

⁸⁶ Então, em atendimento às difíceis e inescapáveis exigências instintivas de Amor, leões abandonam os filhotes nas selvas e ursos, javalis e tigres espalham o horror em semelhante ambiente; cavalos e porcos, de mansos, põem-se impacientes e, até, perigosos (*Geórgicas* III, 245 et seq.).

⁸⁷ *Geórgicas* III, 219-241: “Pasta em grande Sila uma bela novilha:/ eles, alternados, misturam-se em batalhas com grande força/ e muitas feridas; lava o negro sangue os corpos,/ os chifres voltados contra os oponentes são cravados com alto/ gemido: ressoam os bosques e o Olimpo distante./ Nem costuma o lutador abrigar-se junto; mas um, vencido,/ parte e longe se exila em margens desconhecidas,/ muito se lamentando da vergonha e das feridas do soberbo/ vencedor, além dos amores que perdeu sem vingar-se:/ e, voltando os olhos para os estábulos, deixou o reino dos avós./ Então, com todo cuidado exercita as forças e deita-se/ infatigável entre duras pedras num leito nu,/ tendo comido folhas hirsutas e taboas agudas;/ testa a si e aprende a irar-se com os chifres/ apoiado no tronco de uma árvore, fere os ventos/ com golpes e prepara-se para a luta na esparsa areia./ Depois, tendo reunido o vigor e refeito as forças,/ parte ao combate e se atira ligeiro ao inimigo esquecido;/ como quando a vaga começa a branquejar mais longa / no meio do mar, arrasta do fundo o torvelinho e, quando rolou/ para as terras, soa fortemente

Poder-se-ia, pelo balanço do modo idealmente desejável de “negociação” do *rusticus* com *Amor*, imaginar que a busca do caminho do equilíbrio, ou seja, nem negando “Vênus” aos animais (como o sacrílego Glauco), nem deixando-os livres para darem vazão a seus instintos “eróticos” e, consequentemente, violentos, como no exemplo acima, corresponde à solução viável contra os males das grandes *forças cósmicas* a assolarem, por vezes, os campos; assim, talvez, sem “ofender a Vênus”, por outro lado se evitaria a demasiada entrega dos recursos sob a responsabilidade humana nas mãos de um Nume tão impetuoso. Alguns claros dizeres sobre *durus Amor* (v. 259), no entanto, além da extensão, é óbvio, de seus domínios também sobre os homens⁸⁸ (v. 244: *Amor omnibus idem* – “para todos é o mesmo o desejo”) e do que se dá, de maneira extrema, quando divisamos a brutalidade *cega* da Peste Nórica, convidam-nos a refrear tamanha crença na capacidade de controle do *rusticus*.⁸⁹

A fim de expormos sucintamente a relação do episódio da Peste com a presença do mal neste livro das *Geórgicas*, o trecho abaixo presta-se a favorecer-nos o início dos comentários:

Tum sciat, aérias Alpís et Norica si quis
castella in tumultis et Iapydis arua Timaui 475
nunc quoque post tanto uideat desertaque regna
pastorum et longe saltus lateque uacantis.
Hic quondam morbo caeli miseranda coorta est
tempestas totoque autumní incanduit aestu
et genus omne neci pecudum dedit, omne ferarum, 480
corruptique lacus, infecit pabula tabo.
Nec uia mortis erat simplex; sed ubi ignea uenis
omnibus acta sitis miseros adduxerat artus,
rursus abundabat fluidus liquor omniaque in se
ossa minutatim morbo conlapsa trahebat. 485
Saepe in honore deum medio stans hostia ad aram,

pelas pedras, nem/ se precipita mais baixo que o próprio monte, mas a onda fervilha embaixo/ com voragens e traz à superfície a negra areia” (tradução minha).

⁸⁸ Veja-se acima nota 85.

⁸⁹ A morte do boi de arado pela doença, no momento mesmo de trabalhar “honestamente” o solo (III, 515-530), exemplifica que, nas *Geórgicas*, seguir a via do comedimento – que fazem os bois rústicos a não ser cumprir suas tarefas de auxiliares do homem do campo, repousar o suficiente e nutrir-se de meras águas e relva? – não garante a plena mestria do próprio destino e o sossego. Ademais, esses seres do mundo animal correspondem, praticamente, a pares/ “equivalentes” do *agricola*, como faz ver certo comentário de Morgan [cf. Morgan 1999: 109: We find numerous references in ancient texts to a pre-eminence among domestic animals attributed to the ox which is such as to accord oxen a status almost equivalent to humans. According to Varro (“Rust.” 2.5.3; cf. *Columella* 6 *praef.* 7), killing an ox had in the past been a capital offence. The ox was the *socius hominum in rustico opere*, “the partner of mankind in agricultural work”, and as such equivalent to, and as inviolable as, a human fellow-worker.]

*lanea dum niuea circumdatur infula uitta,
inter cunctantis cecidit moribunda ministros.
Aut si quam ferro mactauerat ante sacerdos,
inde neque impositis ardent altaria fibris,
nec responsa potest consultus reddere uates;
ac uix suppositi tinguntur sanguine cultri
summaque ieiuna sanie infusatur harena.*⁹⁰

490

Em estudo não recente, mas documentado com erudição e bastante argúcia analítica, E. L. Harrison esforçou-se por defender a ideia de que a causa da Peste Nórica, segundo a esboça Virgílio inclusive nas linhas acima, vincula-se à infração, por aqueles bárbaros,⁹¹ de alguma lei divina, assim lhes sobrevivendo o mal em questão como paga funesta por se terem comportado mal, do ponto de vista religioso. Dentre os motivos que o crítico arrola para justificar-se,⁹² interessa-nos, sobretudo, o fato de que a sequência erro não expiado/ prodígio/castigo (ou mesmo o detalhe agourento da morte da vítima no altar antes de ser sacrificada!)⁹³ corresponde a algo com frequência documentado nas crenças

⁹⁰ *Geórgicas* III, 474-493: “Sabedoria então, se alguém visse os altos Alpes,/ as fortalezas nórdicas em colinas e os campos do Timavo da Iapídia:/ mesmo agora, depois de tanto tempo, estão os reinos abandonados/ pelos pastores, e os bosques vazios em todas as direções./ Aqui outrora surgiu miserando tempo/ por um mal celeste, abrasou-se com todo o calor do outono/ e todo tipo de rebanho entregou à morte, todas as feras,/ corrompeu os lagos, infectou as pastagens com a podridão./ Nem era uno o caminho da morte, mas quando a sede ígnea,/ introduzindo-se por todas as veias, extenuara os membros infelizes,/ de novo abundavam os líquidos humores e todos os ossos,/ aos poucos combalidos da doença, arrastavam consigo./ Com frequência, no meio do rito divino, postando-se a vítima ao altar,/ enquanto a faixa de lã é circundada por branca fita,/ caiu moribunda entre os sacerdotes hesitantes;/ ou, se antes a sacrificara a ferro o sacerdote,/ então nem ardião os altares com sobrepostas fibras,/ nem pode o adivinho indagado dar uma resposta,/ a custo se tingem com o sangue da garganta as facas/ e, na superfície, escurece-se a areia com cruor escasso” (tradução minha).

⁹¹ O *Noricum* era uma província romana transalpina, onde habitavam povos de origem céltica.

⁹² A visão aqui defendida por Harrison não é mera obviedade: pelos dizeres de v. 478-479, poder-se-ia pensar na atribuição de uma causa natural ao fenômeno da Peste, como se más condições celestes tivessem sido a causa primeira do evento; ainda, poder-se-ia atribuir ao estranho comportamento das vítimas na hora do sacrifício o motivo de estarem, já, com os corpos debilitados pela doença. Mas a inserção da passagem no contexto, inclusive por sua relação com o rito expiatório levado a cabo por Aristeu no livro IV, parece recomendar a adesão à sua leitura.

⁹³ Iulius Obsequens 1864: 843: CVII *Q. Metello, Tullio Didio, coss. – Bubone in Capitolio supra deorum simulacra uiso, quum paretur, taurus uictima exanimis concidit. Fulmine pleraque decussa. Hastae Martis in regia motae. Ludis in theatro creta candida pluit: fruges et tempestates portendit bonas. Sereno tonuit. Apud aedem Apollinis decemuiris immolantibus caput iocinoris non fuit: sacrificantibus anguis ad aram inuentus. Item androgynus in mare deportatus. In Circo inter pila militum ignis fusus. Hispani pluribus proeliis deuicti.* – “Consulado de Q. Metelo e Túlio Dídio – Vendo-se um mocho no Capitólio sobre as estátuas dos deuses, quando se realizavam os ritos expiatórios, a vítima, um touro, caiu morta. Muitos lugares foram atingidos por raios. As lanças de Marte moveram-se no palácio real. Durante os jogos, choveu greda branca no teatro: pressagia boas colheitas e tempos. Trovoou com céu sereno. No templo de Apolo, não se encontrou a ponta do figado ao

e na literatura antiga; por exemplo, em Tito Lívio e no *Liber prodigiorum*, de Júlio Obsequente:

A visão que procurarei estabelecer é a de que, ao apresentar este relato da Peste, Virgílio não só manteve sua usual ortodoxia, mas, na verdade, ofereceu o episódio como um tipo de modelo operante de como a religião romana lidava com desastres semelhantes. (...) Dificilmente Virgílio poderia tê-lo posto com mais clareza; a Peste é apresentada como um desastre total e implacável, que despojou toda a zona de criação. Qualquer ideia de que o enterro [*i.e.* dos animais mortos da doença] veio como um tipo de brecha que trouxe salvação súbita está inteiramente fora de cogitação; e, longe de “ultrapassarem até esta realidade”, como Büchner coloca, no fim os habitantes foram forçados a abandonar a área, e nunca voltaram. A Peste não foi curada, então, mas apenas parou quando não havia mais animais disponíveis para que destruísse. Essa visão do assunto condiz com as questões religiosas fundamentais que tal passagem levanta. Em *Geórgicas* 3,486 et seq., aprendemos que as vítimas na iminência de serem sacrificadas tombam antes de se poder dar o golpe, ou, se foram abatidas com sucesso, então o sacrifício se mostra deficiente em algum outro aspecto crucial: as entranhas se negam a queimar, ou a vítima se apresenta, anormalmente, com pouco sangue. Tais desenvolvimentos são familiares nas páginas de Lívio e Júlio Obsequente, e sua mensagem é clara: indicam um rompimento na relação entre uma comunidade e seus deuses, cuja ira deve ser apaziguada se essa comunidade quer escapar da destruição. Então, pondo estes versos no próprio começo de seu relato da Peste, Virgílio dá clara indicação de que aqui, como em outros pontos de sua poesia, aceita a visão romana ortodoxa das Pestes; ela, usualmente, é a manifestação geral da ira divina, e é, por esse motivo, apropriadamente introduzida por sinais específicos e inequívocos dessa ira. As pessoas retratadas aqui desviaram-se em algum ponto de sua prática religiosa, e, como nunca encontram o caminho de volta, a área que um dia chamaram sua *patria* torna-se um deserto, deixando-as sem alternativa a não ser abandoná-la.⁹⁴

imolarem os decênviros: uma serpente foi encontrada pelos sacrificantes junto ao altar. Ainda, um hermafrodita foi levado ao mar. No Circo, uma chama se espalhou entre as lanças dos soldados. Os hispânicos foram derrotados em muitas batalhas” (tradução e grifos nossos).

⁹⁴ Cf. Harrison 1979: 23-25: The view I shall be seeking to establish is that in presenting his plague account Vergil not only retained his usual orthodoxy, but actually offered the episode as a kind of working model of how Roman religion operated with regard to such disasters. (...) Vergil could scarcely have put it more clearly; the plague is presented as a total and unmitigated disaster that stripped the whole area of livestock. Any notion that burial came as a kind of break-through that brought sudden salvation is entirely ruled out; and far from “overcoming even this state of affairs”, as Büchner puts it, in the end the inhabitants were forced to abandon the district, and never went back. The plague was not cured, then, but simply stopped when there were no more animals left for it to destroy. This view of the matter tallies with the fundamental religious issues raised by the passage. From *Georgics* 3,486ff. we can learn that victims about to be sacrificed collapse before the blow can be delivered, or, if they are successfully dispatched, then the sacrifice proves defective in some other crucial

Ademais, algumas relações entre o relato da Peste Nórica e o sacrifício conduzido por Aristeu no livro IV do poema⁹⁵ contribuem para o reforço da leitura de Harrison: na verdade, nos dois casos os prejudicados (donos de rebanhos no livro III, Aristeu dono de enxames de abelhas no livro IV) tentam apaziguar a ira divina diante da perda de seus bens, representada pela morte dos animais sob sua tutela; nos dois casos, a vítima escolhida para a “transferência de sua culpa” pertence à espécie bovina;⁹⁶ nos dois casos ocorre a consulta a oráculos, ou àqueles detentores das causas do mal que os aflige: se no livro III isso corresponde ao *consultus... uates* de v. 491, no seguinte é o próprio Proteu, deus marinho dotado do dom de infinitas metamorfoses e da onisciência, o qual revela a Aristeu que o motivo da morte de todos os seus enxames foi o dano por ele ocasionado a Orfeu, Eurídice e aos eventuais Numes para quem eram caros, como as próprias Dríades, por ter perseguido aquela jovem quando inflamado de desejo.⁹⁷ Ainda, Philip Hardie, em obra introdutória sobre Virgílio, porém bem embasada em suas fontes mais profundas, observou que o quadro de total desolação de *Geórgicas* III é como que retomado no meio do livro IV,⁹⁸ pois, no último contexto, também se parte da destruição plena (Aristeu está sem suas abelhas!) para uma tentativa de reconstruir a existência, a qual, enfim, acaba “bem sucedida” através do renascimento dos enxames do mítico apicultor e filho de Apolo... a partir de nada menos que os cadáveres putrefatos dos novilhos mortos num bosque a fim de aplacar os *manes* ofendidos. Ora, com a aniquilação de tantos animais, ou mesmo a passagem do contágio da Peste para os seres humanos, que mais havia em abundância no

respect: the *exta* fail to burn, or the victim proves to be unnaturally short of blood. Such developments are familiar from the pages of Livy and Julius Obsequens, and their message is clear: they indicate a breakdown in the relationship between a community and its gods, whose anger must be appeased if that community is to escape destruction. Thus by placing these lines at the very start of his plague account Vergil gives a clear indication that here, as elsewhere in his poetry, he accepts the orthodox Roman view of plagues; this one, as usual, is a general manifestation of divine anger, and it is therefore appropriately introduced by specific and unmistakable signs of that anger. The people portrayed here have at some point gone astray in their religious practice, and because they never find their way back again the district they once called their patria becomes a waste-land, leaving them with no alternative but to abandon it (tradução minha).

⁹⁵ Cf. Harrison 1979: 24 et seq.

⁹⁶ Cf. Wilkinson 1997: 109: But Cyrene was still there, and comforted Aristaeus: ‘It is the Nymphs who are sending this punishment. I will tell you how to placate them, by sacrificing four bulls. Nine days later you must make offerings also to the manes of Orpheus and Eurydice’. He obeyed, and on the ninth day found that bees were born from the bulls’ carcasses (528-58).

⁹⁷ Cf. Wilkinson 1997: 109: It is Orpheus who is sending you this punishment, because it was while fleeing from your embraces that his wife Eurydice was bitten by a snake and died, much bewailed by her Dryad companions as well.

⁹⁸ Cf. Hardie 1998: 49.

Noricum, ao fim do livro III, a não ser os corpos apodrecidos, já em vida, das vítimas da terrível doença?⁹⁹

Desse modo, o endosso à interpretação de Harrison permite-nos harmonizar o episódio da Peste Nórica com as leituras que vínhamos anteriormente conduzindo no sentido da atribuição do mal, no presente livro das *Geórgicas*, a eventos em grande parte advindos da quebra das boas relações com o divino. E embora, conforme bem notado por Harrison,¹⁰⁰ desta vez os culpados sejam estrangeiros, não itálicos ou *romanos*, não nos parece que estes, ao longo dos versos do poema aqui sob nosso foco analítico, possam de todo eximir-se de crimes inscritos na mesma rubrica da impiedade: afinal, aventamos com a leitura de fins do livro I, a propósito dos prodígios e da batalha subsequente ao assassinato de Júlio César, também eles incorrem, ou mesmo insistem, em funestas ações desgostosas aos deuses, além de portadoras de catastróficas consequências para si.

VISÃO CRÍTICA DA SOCIEDADE DAS ABELHAS E A EXPIAÇÃO DE UM ERRO POR ARISTEU

Em muitos sentidos, a sociedade das abelhas, tal como descrita por Virgílio no livro IV das *Geórgicas*, apresenta-se enquanto espaço existencial privilegiado, de alheamento a vários males da vida conforme constantes das demais grandes subdivisões da obra: esses pequenos animais, assim, sem a dependência do homem, conseguem organizar-se com relativa harmonia para a feitura de todas as tarefas produtivas que lhes cabem; são, por isso, uma imagem aproximada do diligente *rusticus* romano, também confrontado com as tantas exigências do trabalho no ambiente camponês, ou do soldado, cuja disciplina e devoção ao líder pode ser maior que o desejo de preservar-se.¹⁰¹ Por tais motivos, do ponto de vista humano, as abelhas se furtam à plena inclusão¹⁰² no rol já extenso das tarefas cabíveis ao *agricola*, enquanto, sob a perspectiva da mera animalidade, avantajam-se por se autogovernarem com

⁹⁹ Cf. Wilkinson 1997: 99-100: Only as the result of wholesale burials did the plague finally subside. But even so, contagion could live on in wool and pelts, now to infect humans also; and with a description of revolting symptoms the Book ends.

¹⁰⁰ Cf. Harrison 1979: 2.

¹⁰¹ *Geórgicas* IV, 217-218: *Et saepe attolunt umeris et corpora bello/ obiectant pulchramque petunt per uulnera mortem.* – “E com frequência carregam nos ombros [o rei], oferecem os corpos como escudos/ na guerra e buscam uma bela morte por feridas” (tradução minha).

¹⁰² Essa ideia de que as abelhas “trabalham sozinhas”, na verdade, é relativa, pois importantes “agrônomo” antigos, como Varrão (livro III) e Columela (livro IX), além do próprio Virgílio, de maneira mais superficial e resumida, oferecem numerosos preceitos para o cuidado desses pequenos animais (alimentação, retirada do mel, cura nas doenças...). Mas, de fato, do ponto de vista dos que desejam aproveitar o mel, o própolis e a cera, ao menos uma parte dos trabalhos necessários para sua obtenção já se encontra feita e é “oferecida” pela natureza mesma das abelhas.

sua própria “inteligência”,¹⁰³ sem lhes ser preciso, como seres do tipo das ovelhas ou plantas semelhantes às vinhas, em tudo colocar-se sob o “jugo” cuidador, mas também coercitivo, e até violento, do responsável pelas terras.

Dada a supracitada configuração turbulenta de *Amor/* desejo no livro III do poema, por outro lado, um traço das abelhas, como apresentadas por Virgílio na curta passagem abaixo, permite-nos, segundo o pensamento do poeta, furtá-las ao âmbito do mal também por sua “castidade”:

*Illum adeo placuisse apibus mirabere morem,
quod nec concubitu indulgent nec corpora segnes
in Venerem soluont aut fetus nixibus edunt;
uerum ipsae e foliis natos et suauibus herbis
ore legunt, ipsae regem paruosque Quirites
sufficiunt aulasque et cerea regna refingunt.*¹⁰⁴ 200

É curioso ressaltar, além da visão antiga da regência da colmeia por um *rei*, o fato de que os “naturalistas” gregos e romanos bem conheciam a possibilidade de que as abelhas pudessem ser geradas por outras da mesma espécie.¹⁰⁵ Desse modo, a escolha por Virgílio da versão do misterioso e, absolutamente, assexuado nascimento desses seres acaba por contribuir para o deliberado esboço de uma sua imagem bastante distinta, neste ponto, das angústias de todos aqueles sujeitos às dores passionais em tantos pontos da obra de Virgílio.¹⁰⁶

Sob o aspecto “cívico”, ainda, importa o positivo destaque do forte espírito gregário com que as retrata o poeta, pois criam em comum seus filhotes (v. 153), moram sob um mesmo abrigo (v. 153-154), passam a vida todas submetidas a leis “pesadas” (v. 154: *magnis*), conhecem uma pátria e Penates fixos (v. 155), trabalham juntas no verão com vistas à garantia da sobrevivência no inverno (v. 155-156) e conservam “para a comunidade” (v. 156: *in medium*)

¹⁰³ Para Wilkinson, que se pronuncia sobre *Geórgicas* IV, 219-227 e seu teor elogioso à “inteligência” das abelhas, por talvez partilharem elas de uma “centelha” do divino, tais crenças – em relação com a doutrina da transmigração das almas – seriam de fundo Neopitagórico (1997: 123-124).

¹⁰⁴ *Geórgicas* IV, 197-202: “Muito admirarás que este costume tenha agradado às abelhas,/ pois nem se dão ao coito nem, ociosas, entregam os corpos/ a Vênus ou parem as crias com dores;/ mas elas mesmas das folhas e das delicadas ervas os filhos/ recolhem com a boca, elas mesmas o rei e os pequenos cidadãos/ substituem e os palácios e reinos de cera refazem” (tradução e grifo nossos).

¹⁰⁵ Cf. Virgil 2003: 282: The procreation of bees was to the Ancients an unsolved problem. In *gen. anim.* 3.10 (759a8) and *b.a.* 553a17, Aristotle offers two theories, collection from various flowers and engendering by the ruler; so Col. 9.24, Pliny 11.46.

¹⁰⁶ Na segunda *Bucólica*, Córídon desespera-se com o desprezo do formoso Aléxis; naquela inicial, porém, Títiro lembra o fim de seus amores com Galateia, que o “deixou” (v. 30: *reliquit*)... Nem seria necessário, ainda, lembrar aos leitores de Virgílio a forte carga dramática do suicídio de Dido abandonada por Eneias em fins do canto IV da *Eneida*.

os itens obtidos. Sua disposição em colaborar para o bem-estar conjunto também se traduz na especialização dos trabalhos que realizam, cabendo a umas dedicar-se para a obtenção do alimento nos campos (v. 158-159), a outras estabelecerem os alicerces dos favos com resinas vegetais e construir por cima com cera (v. 159-162), a outras o cuidado das crias (v. 162-163), a outras guardarem as entradas das colmeias (v. 165)... Assim, mesmo divididas em grupos menores e mais especializados, sempre logram com cooperação e esforço a cobertura das funções integralmente requeridas para a boa funcionalidade do ninho. Ora, sabemos que os valores tradicionais da sociedade romana antes propugnaram pela defesa do comum, mesmo à custa de pesados sacrifícios, que dos anseios individuais.¹⁰⁷

Contudo, nem em todos os aspectos as abelhas se avantajam diante dos demais seres, correspondem a ideais de conduta consagrados na cultura latina ou, ao menos, furtam-se a possíveis críticas por seu modo de organizar-se socialmente. Dentre todos os seus “defeitos”, talvez o mais grave seja que entram em sérios enfrentamentos entre si, de maneira que poderíamos aproximar de uma *guerra civil*:

*Sin autem ad pugnam exierint – nam saepe duobus
regibus incessit magno discordia motu;
continuoque animos uolgi et trepidantia bello
corda licet longe praesciscere; namque morantis 70
Martius ille aeris rauci canor increpat, et uox
auditur fractos sonitus imitata tubarum;
tum trepidae inter se coeunt, pennisque coruscant
spiculaque exacuunt rostris aptantque lacertos
et circa regem atque ipsa ad praetoria densae 75
miscentur magnisque uocant clamoribus hostem.¹⁰⁸*

*Hi motus animorum atque haec certamina tanta
pulueris exigui iactu compressa quiescunt.*

¹⁰⁷ Pierre Grimal, aludindo em Catão, o Velho, à anuência a tais valores de relevo do coletivo, lembra que esse autor, nas *Origines*, não nomeia os líderes romanos responsáveis pelos feitos políticos e militares (mesmo as grandes vitórias), preferindo atribuí-los ao “cônsul”, ao “pretor” etc., como se tratasse não de “personalidades”, mas de “engrenagens” inseridas na grande malha republicana; exceções à regra da não nomeação são o elefante *Surus* e o tribuno *Q. Caedicius* (cf. Grimal 1994: 121).

¹⁰⁸ *Geórgicas* IV, 67-76: “Mas se saírem ao combate, pois amiúde a discórdia/ entre dois reis sobreveio com grande tumulto,/ logo os ânimos da plebe e os peitos na guerra/ palpitantes é possível com muita antecedência pressentir; na verdade, aquele canto/ marcial do bronze rouco aguilhoa as que hesitam e ouve-se/ uma voz imitativa dos ruidosos sons das tubas;/ então, juntam-se entre si a tremer, agitam suas asas,/ afiam os ferrões com as trombas, preparam os músculos/ e, em torno do rei, bem como junto à tenda mesma do líder, emaranham-se/ em massa e provocam os inimigos com grande clamor” (tradução minha).

*Verum, ubi ductores acie reuocaueris ambo,
deterior qui uisus, eum, ne prodigus obsit,
dede neci; melior uacua sine regnet in aula.
Alter erit maculis auro squalentibus ardens
(nam duo sunt genera): hic melior insignis et ore
et rutilis clarus squamis; ille horridus alter
desidia latamque trahens inglorius aluom.*¹⁰⁹

90

A proposição de uma cena da “batalha das abelhas” poder-nos-ia levar a crer que Virgílio pretendesse evocar um combate entre as integrantes de duas colmeias distintas, cujos líderes tivessem entrado em desacordo por algum motivo não revelado nas *Geórgicas*. Não se trata disso, no entanto: segundo comentário de Mynors, que se reporta mesmo a longínquos saberes de Aristóteles, semelhantes enfrentamentos raramente seriam documentados pela zoologia.¹¹⁰ O mesmo, porém, não se pode afirmar dos embates entre rainhas (ou, pelo entendimento de Virgílio, “reis”) pela supremacia “política” de uma mesma colmeia,¹¹¹ favorecendo este dado biológico a compreensão de que, na verdade, aqui presenciamos uma divisão guerreira interna a uma única comunidade.

Não seriam, no entanto, indispensáveis essas informações de Mynors para nos darmos conta da natureza intestina da “guerra” como abordada nos excertos acima quando se somam as duas partes do relato em uma leitura conjunta: embora haja dois “reis”, cuja discórdia arrasta a “plebe” (v. 69: *uolgi*) à resolução em maior escala de seus conflitos, recomendar que apenas *um* dentre os chefes seja entregue à morte não só por ser pior, mas ainda para não prejudicar os melhores *prodigus* (v. 89), isto é, “consumindo”, ou “fazendo gastos”, esclarece a questão. Afinal, como um “rei” perdedor por suas más qualidades poderia *causar danos* aos bons (produtivos), caso poupado à morte, consumindo de uma comunidade que não fosse *una*, para onde desejasse retornar após o fim da “guerra” em detrimento das abelhas superiores?¹¹² Antes, o trecho

¹⁰⁹ *Geórgicas* IV, 86-94: “Essas convulsões de espírito e essas lutas tão grandes/ serenam reprimidas com um punhado de pó escasso./ Mas, quando tirares os dois chefes da frente de batalha,/ o que parecer pior, para não prejudicar consumindo,/ entrega à morte; deixa que o melhor reine em um palácio desimpedido./ Um será brilhante com manchas incrustadas de ouro;/ pois há dois tipos: este é o melhor, notável pelo aspecto/ e reluzindo com suas escamas ardentes, aquele outro é asqueroso/ e arrasta inglório na indolência um ventre volumoso” (tradução minha).

¹¹⁰ Cf. Virgil 2003: 268.

¹¹¹ Cf. Virgil 2003: 268.

¹¹² Em v. 95-102, Virgílio estende a divisão de tipo/ espécie dos “reis” para seus “súditos”: assim, como seu “chefe”, as piores abelhas da colônia também apresentam traços “degenerados” (corpo hirsuto, pouca propensão a produzir...). Mas, segundo nova observação de Mynors, habitam sempre “boas” e “más” abelhas em uma mesma colônia, de acordo com a imagem da colmeia aqui delineada por Virgílio (cf. Virgil 2003: 270).

apresenta a ruptura entre chefes de início coabitando sob um mesmo teto, cujo enfrentamento oferece ao apicultor boa oportunidade de eliminação do mais fraco. Além disso, se uma única *aula* (v. 90: “palácio”) corresponderá ao espaço “vazio” ou “desimpedido” (v. 90: *uacua*) da supremacia de um só “rei”, é porque o outro, *dali*, tem de ser eliminado.

Além de “condenáveis” pelas dissensões internas à sua sociedade, decerto nocivas e perigosas sob os olhares de romanos submetidos a condições históricas tão extremas quanto aquelas dos tempos de escrita das *Geórgicas*,¹¹³ outros elementos questionáveis podem ser apontados nesta descrição virgiliana das abelhas. Ora, um esclarecedor e detalhado ensaio de Griffin, cujos conteúdos não relataremos em sua completude, oferece-nos elementos para refletir a respeito. De início, importa talvez mencionar que o crítico divisa a ironia do poeta na abordagem de aspectos de suas abelhas, como, por exemplo, na cena supracitada da “batalha”, em que, apesar da grandeza “épica” dos combates, basta ao apicultor empregar algo tão vil... quanto um punhado de pó para aquietar ambas as facções por inteiro.¹¹⁴ Por outro lado, parece-lhe algo suspeito o suposto louvor e a *plena* aceitação, por Virgílio, da validade do ideário romano tradicional sobre as relações desejáveis entre os indivíduos e a comunidade: como dissemos, ele se caracterizava pela preterição do pessoal diante do coletivo,¹¹⁵ mesmo a custo da mais dolorosa autonegação.

Ora, os argumentos do crítico sobre tais reservas fundamentam-se em apontar partes da obra virgiliana, mesmo externamente às *Geórgicas*, em que crê divisar a evidenciação dos pontos falhos de uma ideologia pátria tão centrada no “nós”. Assim, a *Eneida*, no tocante à afetividade do protagonista, corresponde a uma longa sequência de decepções, como se Eneias fosse sempre forçado a preferir seu destino de líder às exigências do coração: o episódio da misteriosa morte de Creúsa, que o incita sob a forma spectral a partir sem olhar para trás,¹¹⁶ os dolorosos eventos da paixão e

¹¹³ A “publicação” das *Geórgicas* é datada de 29 a.C., tendo, contudo, começado sete anos antes. Ora, como a batalha naval de Actium, em que Otaviano Augusto desbaratou Marco Antônio e Cleópatra e pôs fim às Guerras Civis, ocorreu em 31 a.C., cinco anos do total da escrita do poema se passaram sob o jugo dessas dissensões.

¹¹⁴ Cf. Griffin 1990: 96.

¹¹⁵ Veja-se acima nota 107 e Griffin 1990: 105-106.

¹¹⁶ *Eneida* II, 812-825: “Que vale a dor sobeja, ó doce esposo?/ Sem Nume isto não é: levar Creúsa/ te veda o fado, o regedor sublime/ do Olimpo o não consente. Em longo exílio/ tens de arar vasto pego até a Hespéria,/ onde entre pingues populosos campos/ o lídio manso Tibre inclina a veia./ Com saudades não chores da consorte:/ um reino ali te espera e uma princesa./ Nem eu, Dardânida e de Vênus nora,/ irei servir às Têssalas altivas,/ nem dolopeias damas: cá me impede/ a grande mãe Cibele. Adeus, Eneias;/ Todo na prenda nossa o amor emprega” (Virgílio 2005: 70-71). Cf. Griffin 1990: 98: It is not my intention to depict Virgil as ‘anti-Augustan’; the term is a crudity. But justified revulsion against its excesses must not conceal the central fact about the *Aeneid*; that it is a poem of loss, defeat, and pathos, as much as it is of triumphant destiny.

morte de Dido e o frio casamento, apenas movido por interesses políticos, com a princesa Lavínia exemplificam algumas observações de Griffin no sentido mencionado. A isso, obviamente, é preciso acrescentar as tantas dores e padecimentos da trajetória desse herói e de seu povo na viagem de fuga de Troia até a chegada à Itália, em lances relacionados à perda de caras vidas humanas, difíceis trabalhos, infundáveis perseguições de deuses e homens...¹¹⁷

Nas *Geórgicas* mesmas, como explica, as abelhas podem formar uma sociedade cooperativa, de trabalho e funcional organização – além de se furtarem aos males *peçsoais* do desejo e da paixão –, mas também não desfrutam nem produzem as belezas da arte, de que Orfeu parece ser o mais consumado praticante em toda a obra do poeta; também se poderia dizer, acrescentamos, que o amor, por mais alçoz da vida de um apaixonado, não são apenas dores... Assim, a sociedade das abelhas que o “vitorioso” Aristeu restabelece através do rito expiatório da *bougonía*, espécie de modelo em miniatura das velhas virtudes romanas do mais completo devotamento cívico, mostra-se a Griffin como que friamente despersonalizada, desprovida da sensibilidade aos apelos do belo, depositária de funcionamentos apenas “mecanizadores” da existência dos indivíduos...¹¹⁸

Aeneas loses his country, his wife, Dido, Palas; he must kill Lausus and meet among the dead the mistress who killed herself when he left her. To console him he has the vast impersonal gifts of destiny. But not only Aeneas must sacrifice all the wishes of his heart in the service of his fate; the imperial people, too, must pay a high price for its imperial calling. Nowhere does that emerge more poignantly than in the famous passage, *Aen.* 6.847-53: *Excudent alii spirantia mollius aera/ (credo equidem), uiuos ducent de marmore uultus./ orabunt causas melius, caelique meatus/ describent radio et surgentia sidera dicent:/ tu regere imperio populos, Romane, memento/ (hae tibi erunt artes), pacique imponere morem,/ parcere subiectis et debellare superbos.*

¹¹⁷ Cf. Griffin 1990: 98: It is not my intention to depict Virgil as ‘anti-Augustan’; the term is a crudity. But justified revulsion against its excesses must not conceal the central fact about the *Aeneid*; that it is a poem of loss, defeat, and pathos, as much as it is of triumphant destiny. Aeneas loses his country, his wife, Dido, Palas; he must kill Lausus and meet among the dead the mistress who killed herself when he left her. To console him he has the vast impersonal gifts of destiny. But not only Aeneas must sacrifice all the wishes of his heart in the service of his fate; the imperial people, too, must pay a high price for its imperial calling. Nowhere does that emerge more poignantly than in the famous passage, *Aen.* 6.847-53: *Excudent alii spirantia mollius aera/ (credo equidem), uiuos ducent de marmore uultus./ orabunt causas melius, caelique meatus/ describent radio et surgentia sidera dicent:/ tu regere imperio populos, Romane, memento/ (hae tibi erunt artes), pacique imponere morem,/ parcere subiectis et debellare superbos.*

¹¹⁸ Cf. Griffin 1990: 97: Virgil did not want to connect his bees, inspired though they are, with poetry or song. They exhibit many great virtues, but they are not poetical, and they are free from the bittersweet pains and pleasures of love (*Buc.* 3. 110; *G.* 4.198 ff.). In both they contrast clearly with Orpheus, the fabulous singer who dies for love (and who in this poem is never shown as doing any work or having any other function than song). The virtues they exhibit are indeed the virtues of the old Roman people; but so are their deficiencies. Rome, as great in *mores antiqui*, was not a home of the arts, in the view of the Augustans, until *Graecia capta ferum uictorem cepit et artes/ intulit agresti Latio.*

Também seria lícito perguntar se, diante de uma devoção tão pronunciada a seu “rei”,¹¹⁹ tais abelhas não se colocam em posição política indesejável, conforme a tradição do pensamento romano. Ora, sabemos que os detentores do poder republicano, na aristocracia senatorial, sempre viram com maus olhos a demasiada concessão de poderes a *individuos*, tendo correspondido ao ideário pátrio neste âmbito sobretudo a partição do mando, por exemplo, entre os dois côsules e a Cúria.¹²⁰ Nos anos de escrita das *Geórgicas*, a imagem negativa, e até ameaçadora, da realeza coube à rainha Cleópatra do Egito, a quem se unira maritalmente Marco Antônio, o triúviro. Assim, a autopromoção conduzida em Roma por Otaviano Augusto não pôde prescindir de atacar o “concorrente” pela aliança como a exótica figura da rainha do Egito,¹²¹ chegando mesmo alguns a aventarem a ameaça de que o casal em jogo tivesse pretensões monárquicas sobre o Ocidente.

Quanto ao ato de Aristeu em si, ou seja, à desastrosa perseguição dessa personagem a Eurídice, do que resultou um acidente fatal quando a moça pisou sobre uma serpente venenosa às margens de um ribeiro agreste ao fugir, tratou-se, efetivamente, de uma inegável falta daquele mítico apicultor e filho de Apolo. Lembremos que o grande mal assim causado não se limitou à morte prematura de Eurídice, mas também deu origem ao desvario de Orfeu – que passa a errar sem rumo pelo mundo após a segunda descida da esposa aos reinos infernais – e, enfim, ao desmembramento desse cantor nas mãos das Bacantes trácias (v. 520-522).

Certa passagem da fala do deus onisciente Proteu a Aristeu, que o fora procurar instigado pela mãe, a ninfa Cirene, explicita claramente os motivos

¹¹⁹ *Geórgicas* IV, 210-218: *Praeterea regem non sic Aegyptus et ingens/Lydia nec populi Parthorum aut Medus Hydaspes/ obseruant. Rege incolumi mens omnibus una est:/ amisso rupere fidem constructaque mella/ diripuerunt ipsae et cratis soluere fauorum./ Ille operum custos, illum admirantur et omnes/ circumstant fremitu denso stipantque frequentes/ et saepe attollunt umeris et corpora bello/ obiectant pulchramque petunt per uulnera mortem.* – “Além disso, do rei não assim o Egito, a enorme/ Lídia nem os povos dos partos ou o Hidaspes medo/ cuidam. São e salvo o rei, o espírito de todas é uno;/ perdendo-se, romperam os pactos, elas próprias os méis/ acumulados saquearam e desmancharam os raios dos favos./ Ele é o guardião dos trabalhos, a ele veneram, todas/ envolvem com denso zumbido, rodeiam em grande número,/ com frequência carregam nos ombros, oferecem os corpos como escudos/ na guerra e buscam uma bela morte por feridas” (tradução minha).

¹²⁰ Sequer Júlio César escapou a suspeitas “infamantes” de desejar instaurar a realeza em Roma, o que, decerto, acabou contribuindo para fortalecer a conspiração do senado contra sua vida (cf. Étienne 1973: 50-51 – em citação ao capítulo LXXIX da *Vita Caesaris* de Suetônio).

¹²¹ Cf. *Vida de Augusto* de Suetônio, cap. XVII: *M. Antonii societatem semper dubiam et incertam reconciliationibusque uariis male focilatam abruptit tandem, et quo magis degenerasse eum a civili more approbaret, testamentum, quod is Romae etiam de Cleopatra liberis inter heredes nuncupatis reliquerat, aperiendum recitandumque pro contione curauit.* – “Finalmente rompeu a aliança sempre dúbia e incerta com Marco Antônio, mal estabelecida por várias reconciliações, e, para que pudesse melhor provar que ele tinha degenerado dos padrões de comportamento civil, fez abrir e ler em público o testamento que ele deixara em Roma e que também nomeava os filhos de Cleópatra seus herdeiros” (apud Suetônio; *Augusto* 2007: 6).

da perda do apiário do culpado como algo em nexos com tantos malefícios que causara, mesmo involuntariamente:

*“Non te nullius exercent numinis irae;
magna luis commissa: tibi has miserabilis Orpheus
hauddquaquam ob meritum poenas, ni fata resistant,
suscitat et rapta grauiter pro coniuge saeuit. 455
Illa quidem, dum te fugeret per flumina praeceps,
immanem ante pedes hydrum moritura puella
seruantem ripas alta non uidit in herba.
At chorus aequalis Dryadum clamore supremos 460
implerunt montis; flerunt Rhodopeiae arces
altaque Pangaea et Rhesi Mauortia tellus
atque Getae atque Hebrus et Actias Orithyia.
Ipse caua solans aegrum testudine amorem
te, dulcis coniunx, te solo in litore secum, 465
te ueniente die, te decedente canebat.”¹²²*

Descoberta a causa, Aristeu retorna aos reinos subaquáticos da mãe a fim de receber dela instruções sobre como proceder *praticamente*, para recobrar seus enxames. Sobre a curiosa divisão entre saber as *causas* – ofício de um deus – e saber *como* remediar o problema – tarefa da ninfa Cirene, a própria mãe de Aristeu –, Lee ofereceu-nos uma hipótese explicativa de modelo junguiano.¹²³

¹²² *Geórgicas* IV, 453-466: “As iras de um Nume te atormentam;/ pagas grandes erros: para ti o miserando Orfeu,/ de modo algum merecedor, esses castigos causa se não se opuser/ o destino, e castiga pesadamente pela esposa arrebatada./ Ela decerto, fugindo de ti com pressa pela margem,/ moça prestes a morrer, uma enorme serpente diante de seus pés,/ que observava a ribanceira, na alta relva não viu./ Mas o coro de mesma idade das Driades com clamor os altos/ montes encheu; choraram rodopeias cidadelas,/ o alto Pangeu, a terra mavórcia de Reso,/ os getas, o Hebro e Oritia ateniense./ Ele, consolando o duro amor com a lira cava,/ a ti, doce esposa, a ti na solitária praia consigo,/ a ti vindo o dia, a ti ao cair cantava” (tradução minha).

¹²³ Cf. Lee 1996: 103-104: There is a regularly recurring pattern in the myth of the maturing male which Carl Jung and his disciples have found also in the collective unconscious, and most particularly in the psychotherapy of male patients in crisis. Jungians call it the individuation process: a man individuates his inner psychic powers and integrates them. The mythic hero (or the man under treatment) encounters, in some deep place that represents his unconscious, his anima - his inner feminine, a complex of mother memories and of everything he has experienced of the opposite sex. This inner feminine is potentially destructive (“Come, with your own hand, tear up my happy forests”) but, if the hero can win her over to his purposes, she will be of great help to him, and can guide him to his “Wise Old Man” archetype - his inner masculine, often an emblem of his father. The Wise Old man, extremely difficult to find and to master, eventually gives the young hero the psychic information essential to his maturing. The hero then re-encounters the anima figure, who provides the practical details he needs. Finally he rises from the unconscious to the conscious world to integrate his experiences. His journey, if successful, is symbolized in some circular object or design - a centripetal configuration, like Jung’s mandala, in which conflicting elements are held in tension.

Não nos importando tanto para os fins destas reflexões tais posicionamentos do autor, no entanto, podemos dizer que o “remédio” recomendado por Cirene ao filho, o qual envolve a matança de bovinos sob condições *específicas* e resulta, enfim, na aniquilação do dano, em tudo se mostra inscrito no contexto final das *Geórgicas* como um sacrifício expiatório. Então, lembramos que os *manes*¹²⁴ de Orfeu e Eurídice foram os mais afetados pelo gesto irrefletido de Orfeu, mas que também choraram a moça as Dríades (v. 460), ninfas dos bosques na mitologia grega.¹²⁵ Ora, o local recomendado por Cirene a Aristeu para “palco” do sacrifício foi justo o ninfeu das Napeias¹²⁶ em um bosque sagrado (v. 546: *lucum*), onde ele deveria edificar quatro altares, conduzir quatros belos touros e quatro belas novilhas jamais oneradas pelo jugo; em seguida, sacrificá-los e deixar os cadáveres abandonados “no bosque frondoso” (v. 543: *frondoso... luco*). Nove dias depois, seria preciso que o sacrificante oferecesse a Orfeu sementes de papoula (v. 545: *Lethaea papauera*), uma outra novilha a Eurídice e, por fim, imolasse uma ovelha negra (v. 546: *nigram mactabis ouem*) antes de tornar ao ninfeu agreste.

O resultado imediato da obediência às prescrições de sua mãe foi, para Aristeu, o descrito breve, mas impressionantemente, nos versos abaixo:

*Hic uero subitum ac dictu mirabile monstrum
adspiciunt, liquefacta boum per uiscera toto* 555
*stridere apes utero et ruptis efferuere costis
immensasque trahi nubes iamque arbore summa
confluere et lentis uuam demittere ramis.*¹²⁷

Sintomaticamente, Virgílio emprega a palavra *monstrum* (v. 554: “prodígio”) para expressar o que se vê após o cumprimento dos ritos expiatórios por

¹²⁴ Cf. Brandão 1993: 213: *Manes (Di), -ium*, deuses Manes. O nome, segundo Ernout-Meillet, DIEL., p. 383, é interpretado como plural de *manis* e significaria “deuses benevolentes”, epíteto com que se designavam, por eufemismo, o espírito dos mortos e, em especial, “os antepassados divinizados”, *di parentes*. (...) Diga-se, além do mais, que só mesmo por eufemismo é que Manes podem significar “os bons, os benevolentes”. A realidade é bem outra. Na *Eneida*, para citar apenas uma obra literária, os mortos, uma vez elevados à condição de Manes, também vão engrossar as fileiras dos carrascos de além-túmulo. (...) Não há dúvida de que os mortos, como se os vivos fossem culpados pela morte ou por não se conformarem com ela, vinham, de quando em quando, na sua imensa insatisfação, atormentar seus irmãos, que ainda viam a luz do dia.

¹²⁵ Cf. Commelin 1983: 130.

¹²⁶ Cf. Commelin 1983:128-129: As Napeias, ninfas menos ousadas, mas tão graciosas e tão belas como as Oréades, preferiam os pendores arborizados das colinas, os frescos vales, os verdes prados.

¹²⁷ *Geórgicas* IV, 554-558: “Então, na verdade, um prodígio súbito e maravilhoso de contar/ observam, pelas vísceras liquefeitas dos bois em todo/ o ventre abelhas zumbindo e afluindo dos vãos das costas,/ arrastando imensas nuvens e já, no topo de uma árvore,/ reunindo-se e deixando pender um cacho dos ramos flexíveis” (tradução e grifos nossos).

Aristeu. Ora, já observamos,¹²⁸ esse vocábulo, além do gasto sentido de algo estranhamente ocorrido – ou de uma hedionda criatura –, guarda afinidades em latim com o campo semântico do religioso, de um fenômeno sinalizador da *wontade divina* para o bem ou para o mal. Assim, parece-nos, o apicultor envolvido nesses fantásticos eventos recebeu aqui, ao mesmo tempo, um sinal da aprovação divina – dos *manes* de Orfeu e Eurídice, das ninfas... – ao sacrifício que lhe purificara a culpa e a solução prática de seu problema, representada pelo abundante renascimento dos enxames. Apesar dessa aparente “resolução” dos problemas colocados ao fim da obra, lembramos que a vida, para Orfeu e Eurídice, estava irremediavelmente terminada, e que a sociedade renascida das abelhas, decerto, tornaria a apresentar os limites que já lhe apontamos.¹²⁹

Os aspectos e excertos acima retomados de todos os livros das *Geórgicas*, esperamos ter demonstrado, oferecem-nos subsídios textuais para a compreensão desse poema como algo muito mais complexo e nuançado que uma ingênua “celebração” da lida camponesa. Então, construindo esta sua obra, Virgílio, sem pretender “aniquilar” o prestígio da ruralidade em uma cultura tradicionalista como a romana, parece ao menos ter indicado que o mundo dos camponeses não é diametralmente oposto a outros ou, mesmo, em tudo melhor.

¹²⁸ Veja-se acima nota 26.

¹²⁹ Para críticas à ideia de que, tendo dado à história de Orfeu e Aristeu o fim que já sabemos, Virgílio simplesmente endossa os gestos e a maneira de vida do segundo e condena os do outro, veja-se Toohey 1996: 116: The destruction wrought by Orpheus is to be associated with the disorders and disasters depicted at the end of the first *Georgic* (metaphorically the Civil Wars). It is for these that the society of the bees provides a remedy. But Orpheus is presented by Virgil with remarkable appeal. This seems deliberate. It is as if, through Orpheus, Virgil reveals the limitations of the bee and Roman societies.

REFERÊNCIAS

- Andreau, A. *L'économie du monde romain*. Paris: Ellipses, 2010.
- Brandão, J. *Dicionário mítico-etimológico: mitologia e religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- Cato; Varro. *On agriculture*. Tradução inglesa por H. D. Hooper e H. B. Ash. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 2006.
- Cicéron. *De la vieillesse*. Texte établi et traduit par P. Wuilleumier, introduction, notes et annexes de J.-N. Robert. Paris: Les Belles, 2003.
- Columella. *On agriculture: books V-LX*. With an English translation by E. S. Forster. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 1968.
- Commelin, P. *Mitologia grega e romana*. Tradução de Thomaz Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- de Coulanges, F. *A cidade antiga*. Tradução de Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- Deschamps, L. “Sabini dicti... ἀπὸ τοῦ σέβεσθαι”. *Vichiana*. Napoli, anno XII, fasc. I, II, III, p. 157-187, 1983.
- D’Elia, S. Virgilio e Augusto (funzione e rilievo della figura del principe nell’*Eneide*). In: Gigante, M. (org.). *Virgilio e gli Augustei*. Napoli: Giannini Editore, 1990, p. 23-53.
- Ernout, A.; Meillet, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001.
- Étienne, R. *Les Ides de Mars: l’assassinat de César ou de la dictature?* Paris: Gallimard, 1973.
- Eurípides. *Hipólito*. Tradução, introdução e notas de Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Odysseus, 2010.
- Fedeli, P. *Écologie antique: milieux et modes de vie dans le monde romain*. Traduit par Isabelle Cogitore. Genève: École d’Ingénieurs de Lullier, 2005.
- Gale, M. *Virgil on the nature of things*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- Giordani, M. C. *História de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- Gonçalves, J. M. T. “Callida iunctura”: da prática à teoria. *Ágora*, Aveiro, vol. IX, p. 75-97, 2007.
- Griffin, J. The fourth “Georgic”, Virgil and Rome. In: Mac Auslan, I.; Walcot, P. (org.). *Virgil*. Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 94-111.
- Grilli, A. Lettura del terzo libro delle “Georgiche”. In: Gigante, M. (org.). *Le Georgiche*. Napoli: Giannini Editore, 1982, p. 89-120.

- Grimal, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- . *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.
- Hardie, P. *Virgil. Greece and Rome: new surveys in the classics number 28*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- Harrison, E. L. The Noric plague in Vergil's third "Georgic". In: Cairns, F. (org.). *Papers of the Liverpool Latin seminar*. Second volume. Liverpool: F. Cairns, 1979, p. 1-65.
- Hesíodo. *Os trabalhos e os dias*. Tradução de Mary de C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- Homero. *Odisseia*. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.
- Lee, M. O. *Virgil as Orpheus: a study of the "Georgics"*. Albany: State University of New York, 1996.
- Lucano. *Farsália: cantos de I a V*. Introdução, tradução e notas Bruno V. G. Vieira. Campinas: UNICAMP, 2011.
- Morgan, L. *Patterns of redemption in Virgil's "Georgics"*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- Oliveira, F. R. Amor erótico e castidade no "Hipólito" de Eurípides. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, vol. VII, n. 1, p. 51-60, jan.-jun. 2011.
- Orlin, E. Urban religion in the middle and late republic. In: Rüpke, J. (org.). *A companion to Roman religion*. Malden, MA/ Oxford/ Carlton: Blackwell Publishing, 2007, p. 58-70.
- Otis, B. *Virgil. A study in civilized poetry*. Norman: University of Oklahoma Press, 1995.
- Ovide. *Les amours*. Texte établi et traduit par H. Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- Ovidio. *Metamorfosi*. Con un saggio di Italo Calvino, traduzione di Piero Bernardini Marzolla. Torino: Einaudi, 1994.
- Pereira, M. H. R. *Estudos de história da cultura clássica: vol. II – cultura romana*. Lisboa: Gulbenkian, 1989.
- Pigeaud, J. Quelques remarques sur l'épidémie du Norique dans les « Géorgiques » de Virgile. In: Virgile. *Géorgiques*. Trad. E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface de Jackie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998, p. 157-172.
- Quinte-Curse; Justin; Valère Maxime; Julius Obsequens. *Oeuvres complètes avec la traduction en français*. Publiées sous la direction de M. Nisard. Paris: Firmin Didot, 1864.

- Robert, J. N. *Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.
- Ross Jr., D. O. *Virgil's elements: physics and poetry in the "Georgics"*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1987.
- Suetônio; Augusto. *A vida e os feitos do divino Augusto*. Traduções de P. S. de Vasconcellos, M. Trevizam e A. M. de Rezende. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- Toohy, P. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996.
- Trevizam, M. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. Tese de doutorado inédita. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006.
- O estilo subjetivo virgiliano e a tradução portuguesa do mito de Orfeu nas “Geórgicas” de António Feliciano de Castilho. *Revista do Centro de estudos portugueses*, Belo Horizonte, vol. XXIX, n. 41, p. 69-87, jan.-jun. 2009.
- Os monstros de Virgílio no livro I das “Geórgicas”. *Fragmentsos*, Florianópolis, n. 35, p. 75-89, 2009a.
- Procedimentos retóricos e construção dos sentidos nas “Laudes Italiae” de Varrão e Virgílio. In: Assunção, T. R.; Flores-Júnior, O.; dos Santos, M. M. (org.). *Ensaio de retórica antiga*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, p. 135-144.
- Virgílio leitor de Varrão: a apropriação crítica do legado varroniano nas “Geórgicas”. *Phaos*, Campinas, vol. IX, p. 81-95, 2009b.
- Varrão. *Das coisas do campo*. Tradução de Matheus Trevizam. Campinas: UNICAMP, 2012.
- Varron. *Économie rurale: livre I*. Texte établi, traduit et commenté par J. Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- Varron. *Économie rurale: livre II*. Texte établi, traduit et commenté par C. Guiraud. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- Veyne, P. L’histoire agraire et la biographie de Virgile dans les « Bucoliques » I et IX. In: Veyne, P. *La société romaine*. Paris: Seuil, 2001, p. 216-246.
- Virgil. *Georgics*. Volume I: books I-II. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994a.
- *Georgics*. Volume II: books III-IV. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994b.
- *Georgics*. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- *The Eclogues & Georgics*. Edited with introduction and notes by R. D. Williams. London: Bristol Classical Press, 1979.

- Virgile. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis, introduction et notes de J.-P. Néraudeau. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- Virgile. *Geórgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface par Jackie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- Virgílio. *Eneida*. Tradução e notas de Odorico Mendes. Campinas/ São Paulo: Unicamp/ Ateliê Editorial, 2005.
- . *Eneide*. Introduzione di Antonio La Penna, traduzione e note di Riccardo Scarcia. Milano: Rizzoli, 2002 (volume primo: libri I-VI).
- . *Geórgicas*. Presentación de J. L. Vidal, traducción de T. A. Recio. Madrid: Gredos, 2010.
- Wilkinson, L. P. *The "Georgics" of Virgil: a critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.